



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)

**Abordagem da violência contra a mulher a partir do uso de
recursos audiovisuais no contexto escolar**

LEONICE BEZERRA LEMOS

João Pessoa – PB

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)

Abordagem da violência contra a mulher a partir do uso de recursos audiovisuais no contexto escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Artes, tendo como linha de pesquisa Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho

LEONICE BEZERRA LEMOS

João Pessoa - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L557a Lemos, Leonice Bezerra.

Abordagem da violência contra a mulher a partir do
uso de recursos audiovisuais no contexto escolar /
Leonice Bezerra Lemos. - João Pessoa, 2025.

78 f. : il.

Orientação: Marcelo Farias Coutinho.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Artes visuais - Práticas escolares. 2. Cultura
visual. 3. Recursos fílmicos - Violência de gênero. I.
Coutinho, Marcelo Farias. II. Título.

UFPB/BC

CDU 7.01(043)

LEONICE BEZERRA LEMOS

ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER A PARTIR DO USO DE
RECURSOS AUDIOVISUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional
PROF-ARTES da UFPB.

Defesa em 27 de fevereiro de 2025.

Banca Examinadora:



Professor Dr. Marcelo Farias Coutinho
Orientador - PROF-ARTES/UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br GUILHERME BARBOSA SCHULZE
Data: 24/03/2025 13:08:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor Dr. Guilherme Barbosa Schulze
Avaliador Interno - PROF-ARTES/UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA EMILIA SARDELICH
Data: 20/03/2025 22:48:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professora Dra. Maria Emilia Sardelich
Avaliadora Externa - CE/UFPB

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”

Cora Coralina.

Agradecimentos

A Deus, que se manifesta em minha vida por meio do amor ao próximo, da fraternidade e das maravilhas que a natureza nos proporciona. Um Deus de amor, que não está em espaços opressores e corruptíveis. Gratidão, Senhor pelo ânimo e determinação.

Agradeço imensamente aos meus pais pela educação que me ofertaram, por todo afeto, amor e zelo. Agradeço também a minha avó, aos meus irmãos e sobrinhos pelo encorajamento.

Aos meus filhos Guilherme e Gabriele por compreenderem com amor as minhas ausências durante os estudos e a vida docente. Vocês são filhos maravilhosos! Sem a contribuição familiar e responsabilidade de vocês eu não teria conseguido. Gratidão, filhos!

A minha irmã Roseane, por ser minha rede de apoio durante a minha trajetória estudantil, muitas vezes estando em situações exaustivas para me auxiliar. Sem você, não haveria conquistas e evolução. Obrigada, minha irmã!

À comunidade escolar da Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, pelo acolhimento e contribuições na minha trajetória docente e na realização desta pesquisa. Um agradecimento especial a turma do 5º ano pela participação, ensinamentos e produção de saberes ao longo desse percurso.

Ao meu namorado Altamiro por estar comigo compartilhando a vida de modo respeitoso e afetivo, gratidão pelo auxílio na busca por equipamentos tecnológicos para o desenvolvimento da pesquisa e pelos vinhos compartilhados na nossa caminhada.

As (aos) colegas mestrandas (os) do Prof-Artes, pelas contribuições e acolhimento durante os momentos de angústia.

A equipe do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, pelo apoio e força emocional para que eu continuasse a caminhada no mestrado.

Minha gratidão a toda equipe da Secretaria Municipal de Educação e Inovação (SECEDI), pelo acolhimento e contribuições para a realização desta pesquisa.

Aos amigos e amigas que sempre me apoiam e acreditam em mim: Alex, Andreia, Assilândia, Eduarda, Erivan, Danielisson, Flaviane, Luís, Marta, Mônica, Simone e Vilmar.

Ao professor Marcelo Farias Coutinho, pela leveza com que conduziu as orientações, pela disponibilidade, fortalecimento emocional e acolhimento durante todo o percurso do mestrado. Grata também pelos ensinamentos e pela oportunidade de refletir e dissertar de forma direcionada e prazerosa.

Aos docentes avaliadores Guilherme Barbosa Schulze e Maria Emília Sardelich pela disponibilidade e acolhimento. Minha gratidão também pelas valiosas contribuições ao longo da minha trajetória acadêmica e pelo compromisso docente.

A todas as pessoas que torcem e acreditam em mim, minha sincera gratidão!

Visualidades: Abordagem da violência contra a mulher a partir do uso de recursos audiovisuais no contexto escolar

LEMOS, Leonice Bezerra¹

RESUMO

Este trabalho pretende investigar práticas escolares com abordagem das Artes Visuais, a partir de recursos audiovisuais que possibilitem a aproximação dos corpos discente e docente e da comunidade escolar em geral com a produção cinematográfica que discuta a temática da violência contra as mulheres interligada ao ensino da linguagem das Artes Visuais, vinculado à linha de pesquisa Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes: Esta linha se voltará para as relações entre as abordagens teóricas e metodológicas relativas ao ensino das Artes Visuais, além de seus desdobramentos midiáticos. São práticas que acontecem no 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, na cidade de Goiana-PE. A abordagem metodológica pretendida é qualitativa por meio de procedimentos bibliográficos e relato de experiência.

Palavras-chave: Cultura Visual, Visualidades, Recursos fílmicos, Violência de Gênero

¹Formadora em Língua Portuguesa pelo Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, Professora Alfabetizadora Goiana-PE, Pedagoga e Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Esp. em Neuropsicopedagogia Clínica pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA), Mestranda PROFARTES pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Visualities: Approach of violence against women using audiovisual resources in the school context

LEMOS, Leonice Bezerra²

ABSTRACT

This paper aims to investigate school practices with a Visual Arts approach, from audiovisual resources that allow students, teachers and the school community in general to get closer to film production which discusses the theme of violence against women linked to the teaching of the language of Visual Arts, and also linked to the line of research 'Teaching, Learning and Creation Process in Arts': This line will turn to the relations between the theoretical and methodological approaches related to the teaching of Visual Arts, as well as to their media developments. These are practices that take place in the 5th year of Elementary School, at the Municipal School Professora Tarcila Coutinho Amaral, in the city of Goiana-PE. The intended methodological approach is qualitative through bibliographic procedures, and production and experience report.

Keywords: Visual Culture, Visualities, Film Resources, Gender Violence

² Trainer in Portuguese Language by the National Commitment to Literate Children, Literacy Teacher in Goiana-PE, Pedagogue and Specialist in Gender and Diversity in Schools by the Federal University of Paraíba (UFPB), Specialist in Clinical Neuropsychopedagogy by the College of Sciences of Bahia (FACIBA), PROFARTES Master's student at Federal University of Paraíba (UFPB)

Lista de abreviações e siglas

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias.

EUA - Estados Unidos da América

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

NIPAM - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero

OMS - Organização Mundial da Saúde

CNCA - Compromisso Nacional Criança Alfabetizada

GRE - Gerência Regional de Ensino

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

DEAM - Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

SOCREMO - Sociedade Cultural e Recreativa de Monteiro

EEBAS - Escola de Educação Básica

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

MAPE - Mulheres no Audiovisual Pernambuco

Lista de imagens

Imagem1: Gráfico de dados DataSenado Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado.....	15
Imagem 2: Rádio Fonte: Disponível em: http://www.google.com.br	26
Imagem 3: Televisor Fonte: Disponível em: http://www.google.com.br	27
Imagem 3: Seleção brasileira 1994	27
Imagem 5: Cartaz do filme O pestinha II	28
Imagem 6: Santa Luzia	29
Imagem 7: As margens do açude Fonte: Arquivo pessoal	30
Imagem 8: Mãe-aluna Fonte: Arquivo pessoal	31
Imagem 9: Laje das Moças Fonte: Arquivo pessoal	32
4 - Uma experiência cinematográfica: O que produzimos até aqui!?	34
Imagem 11: I Mostra Literária Fonte: Arquivo pessoal	34
Imagem 12: Produção Espontanêa Fonte: Arquivo pessoal	37
Imagem 13: Produção das Cartas Fonte: Arquivo pessoal	37
Imagem 14: Conscientização e Empoderamento	40
Imagem 15: IMP Orientações sobre Violência	40
Imagem 16: Apreciação fílmica sobre Maria da Penha	41
Imagem 17: Preconceito contra as mulheres Plataforma IMP	41
Imagem 18: IMP Tipos de Violência	42
Imagem 19 Dialogo sobre violência.....	42
Imagem 20 Conceito de Cinema	43
Imagem 21: Curta-metragem.....	43
Imagem 22 Apreciação fílmica.....	45
Imagem 23: Roda de conversa sobre Violência	46
Imagem 24 Apreciação do cinema mudol	48
Imagem 25 Estudo de textos sobre cinema	49
Imagem 26 Debate produção fílmica	50
Imagem 27 Estruturando ideias	50
Imagem 28 Explicação sobre produção audiovisual	51
Imagem 29 Buscando aplicativos de edição	52
Imagem 30 Nosso bairro	53
Imagem 31 O Recanto Bom Tempo Fonte: Arquivo pessoal.....	53
Imagem 32 O Cinema Fonte: Arquivo pessoal	55

Imagem 33 Apreciando Moana em 3D Fonte: Arquivo pessoal	56
Imagem 34 II Seminário de Educação Fonte: Arquivo pessoal	58
Imagem 35 Ministração da Oficina Ensino da Arte Fonte: Arquivo pessoal	58

Sumário

INTRODUÇÃO	4
1 - RELAÇÕES DE GÊNERO E PROCESSOS HISTÓRICOS	8
1.1 - Abordagem da violência de gênero no contexto escolar	10
1.2 - Relações de poder e as múltiplas violências contra a mulher.....	12
1.3 - Cenas vividas	18
2 - CULTURAL VISUAL E VISUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR.....	20
2.1 - Cinema e curta-metragem no espaço escolar	23
2.2 - Imagens, memórias e identidade: Autobiografia Visual	25
3 - UMA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA: O QUE PRODUZIMOS ATÉ	
AQUI!?	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	65

INTRODUÇÃO

Durante as vivências escolares e principalmente na trajetória acadêmica nos cursos de Pedagogia, na especialização em Gênero e Diversidade na Escola e no mestrado Prof-Artes, busquei relacionar a produção de saberes a questões que se aproximavam da minha trajetória de vida, estudar partindo do desenvolvimento de práticas prazerosas e afetivas, que possibilitam a discência e docência efetivas e contribuintes na formação de sujeitos culturais e com bons relacionamentos sociais.

Relacionar a prática docente na educação básica a movimentos artísticos como a Música, e o Cinema, bem como conceituar a Cultural Visual como campo de estudo e sua relação com a produção de saberes que vai além da Pedagogia aplicada no contexto escolar e possibilita a produção de saberes em instituições educacionais formais e espaços informais, me levou a pensar o quanto estes artefatos culturais e tantos outros, contribuem na construção de papéis desses sujeitos escolares, possibilitando a meninas e meninos se construírem sujeitos críticos que valorizem diferenças e compreendam as desvalorizações e opressões sociais, sendo protagonistas e produtores culturais.

No decorrer da Licenciatura em Pedagogia, ao ingressar no componente curricular Ensino de Arte, ministrado pela professora Maria Emília Sardelich, as vivências desenvolvidas nesse componente além dos estudos bibliográficos, relacionavam artefatos artísticos as nossas experiências de vida. A atividade denominada autobiografia visual, possibilitou que fizéssemos uma retrospectiva nas trajetórias de vida a partir das memórias visuais. Ao construir essa autobiografia pude desconstruir algumas percepções que causavam a sensação de inferiorização em relação as colegas de turma. Entendia que as colegas que durante a formação educacional tiveram maiores oportunidades em relação ao uso de recursos midiáticos, acesso à internet e computadores, diante disso, achava que elas tinham uma maior capacidade profissional. Durante a apresentação da autobiografia, percebi que as minhas vivências e experiências também foram significativas para a formação docente.

A falta de acesso a alguns artefatos midiáticos durante a infância a exemplo do televisor, gerava em mim uma sensação de incapacidade. A partir das atividades desenvolvidas pude perceber que tal fato não me deixou em posição de inferiorização em relação as pessoas que tiveram esse acesso na infância, mas sim possibilitou-me acessar outros artefatos que envolviam a Arte, estes educavam-me e influenciavam-me em relação a ser menina a exemplo de livros, quadros religiosos e as músicas que apreciava no rádio a pilha.

Essa atividade trouxe uma sensação de libertação, pois pude perceber que as tardes que passava lendo os livros, observando e viajando na imaginação a partir destas imagens, bem como ouvindo músicas e histórias contadas pelos meus pais construíram minha formação cultural, social e profissional e que na simplicidade do que tínhamos fomos nos construindo apreciadores da Arte e suas linguagens. Diante das significativas experiências neste componente curricular, para conclusão do curso de graduação desenvolvi a pesquisa intitulada “*Nossa Playlist*”: Uma experiência sobre o conhecimento musical com estudantes do Ensino Fundamental. Desde então a Arte e suas linguagens caminham comigo durante esse trajeto formativo profissional e acadêmico, deixando-o prazeroso e significativa a produção de saberes, mesmo diante dos desafios encontrados durante o percurso.

Já na especialização em Gênero e Diversidade na Escola- GDE, busquei relacionar os debates e estudos das questões de Gênero a linguagem das Artes Visuais com aborgem do cinema nacional no contexto escolar, a partir da efetivação da Lei 13.006/2014, a pesquisa intitulada *Abordagem de Gênero no Ensino Fundamental a partir do recurso midiático filme*, orientada também pela professora Maria Emília Sardelich. Esta pesquisa possibilitou as crianças estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais o acesso a apreciação de obras midiáticas e o desenvolvimento do senso crítico a partir da apreciação destas obras.

Cresci vendo mulheres da minha família sendo oprimidas, violentadas e desvalorizadas. Mesmo que ainda criança e sem ter discernimento sobre tais questões, essas situações me inquietavam, quando perguntava a minha mãe ela respondia: “é assim mesmo, acontece com todas nós”. Casei ainda adolescente aos 16 anos e passei a ser mais uma dessas mulheres, continuei estudando mesmo diante das opressões e violência doméstica, pois compreendia que essa era a possibilidade de libertação que tinha para quebrar o ciclo de violência.

Ao longo da especialização, os estudos e bibliografias que abordavam sobre violência psicológica, física, patrimonial e moral se aproximavam da minha trajetória em 18 anos de relacionamento, foram estudos libertadores para compreender essas violências e os males da dependência emocional. Nesse sentido, estudar na minha trajetória de vida é muito mais que construir percursos profissionais, mas sim, ir construindo-me sujeita reflexiva dos processos vividos, sendo protagonista da minha história e contribuindo para que sujeitos com os quais interagi profissionalmente ou não, lutem contra essas violências, e que os meninos como meu filho, sobrinhos, alunos e os que virão sejam desconstrutores dessa sociedade patriarcal que mata, violenta e silencia mulheres.

Após a especialização senti a necessidade de permanecer em formação continuada, ingressando no mestrado profissional em Arte, uma oportunidade de aproximação prática da Arte e suas linguagens e de aprimoramento didático para ministrar o componente curricular Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Durante as aulas do componente curricular Corpo, Protagonismo e Autonomia, ministrado pelo professor Marcelo Farias Coutinho experienciamos reflexões e estudos sobre autopoiese, conceito criado por Humberto Maturana e Francisco Varela que definem autopoiese como a organização molecular de todos os seres vivos. Tal conceito possibilitou a percepção e construção dos sujeitos na sua amplitude a partir do autoconstruir e das estruturas organizacionais.

Humberto Maturana e Francisco Varela unem dois termos gregos nesta teoria “auto” (para si) e “poiesis” (criação). Para eles os seres humanos são máquinas autopoieticas e moleculares que constroem produções para si mesmos. Os autores defendem a organização estrutural dos sujeitos a partir das relações que existem com o meio e definindo a identidade do sistema. Ao compreender o conceito de autopoiese pude relacionar as trajetórias vividas e compreender que somos seres constituídos a partir das experiências vividas. Dentre as obras dos biólogos chilenos estão: A árvore do conhecimento (1984); De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo (1998) e Cognição, ciência e vida cotidiana (2001).

Diante dos debates e reflexões sobre autopoiese, desenvolvemos a proposta pedagógica intitulada Constelações Conceituais, as experiências vividas desde a infância foram necessárias para conectar-me em teia, deixando evidente que as experiências familiares, educacionais, artísticas e sociais de modo geral são dinâmicas e determinam o movimento de autopoiese. As constelações estudantis, docentes e familiares não se apartam da constelação acadêmica, tendo em vista que as experiências vividas foram significativas para aflorar o extinto de buscar compreender Cultura, Arte e os Processos de Aprendizagem no contexto educacional.

A partir das experiências relatadas até aqui e a interligação dos estudos de Gênero e das Artes Visuais, mais especificamente aos recursos audiovisuais, adotamos para esta pesquisa a seguinte pergunta: Como as Artes Visuais, por meio das narrativas audiovisuais do Cinema, podem contribuir para a abordagem da violência de gênero no contexto escolar?

Consideramos a relevância desse estudo pela aproximação do aspecto normativo dos currículos escolares, a partir da linguagem das Artes Visuais a abordagem da violência de gênero no contexto escolar e a efetivação da Lei 13.006/2014 que determina a exibição de filmes do cinema nacional como componente curricular complementar unido à proposta

político pedagógica escolar, dos estudos de Gênero (Carvalho, 2008; Louro, 2008; Preciado, 2022) e da Cultura Visual (Cunha, 2014; Nunes, 2008; Sardelich, 2006, 2019).

A pesquisa tem por objetivo geral investigar como as práticas de ensino e aprendizagem das Artes Visuais, através dos recursos midiáticos audiovisuais, favorecem a abordagem da violência de gênero no contexto escolar.

Para se alcançar tal objetivo serão desenvolvidas tais ações. Discutir violência de gênero, doméstica e familiar; estimular a criticidade e reflexão da temática abordada; analisar e produzir recursos audiovisuais que possibilitem a abordagem da violência de gênero com estudantes ensino fundamental.

O trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, localizada na cidade de Goiana-PE, a mesma está inserida na zona periférica do município e contempla a Educação Básica nos segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais. A proposta de pesquisa foi aplicada com a turma do 5º ano, a escolha da turma se deu pela atuação docente no ano de 2022 durante o 3º ano do Ensino Fundamental, a partir dessa vivência, pude perceber interações de violência e desvalorização por parte dos meninos para com as meninas da turma, a realidade local demonstra elevados índices de violência contra mulheres.

Perante as práticas realizadas e da narrativa reflexiva, organizamos o texto desta pesquisa por meio de três capítulos. No primeiro capítulo procuramos introduzir o conceito de gênero, as relações de gênero e processos históricos, a abordagem da violência de gênero no contexto escolar e as relações de poder e violência contra as mulheres. No segundo capítulo apresentaremos a Cultura Visual, as visualidades no contexto escolar e a abordagem do cinema na escola. No terceiro e último capítulo traremos o relato de experiência decorrente das vivências construídas a partir do desenvolvimento da pesquisa.

1 - RELAÇÕES DE GÊNERO E PROCESSOS HISTÓRICOS

Ao longo do tempo com o surgimento das sociedades foram construindo-se conceitos e divisões, partindo de percepções sexistas com definições de feminino e masculino e em diferentes culturas essa separação das mulheres e da população LGBTQIAPN+ durante todo o percurso histórico da humanidade gerou situações de silenciamento, desvalorização e opressão. A diferença biológica sempre direcionou papéis e interpretações no que se refere as relações de gênero e com isso direcionando a organização social a partir do sexo, com isso os elementos masculinos sempre estiveram em maior evidência e valorização. Antes do surgimento do termo “gênero”, o termo “sexo” incluía as categorias biológica e social. De acordo com Carvalho e Rabay (2015).

Até a década de 1980, utilizava-se, no Brasil, o termo “relações sociais de sexo”, por influência da literatura feminista francesa, em vez de “relações de gênero”. Todavia, o uso de gênero foi se generalizando mundialmente a partir da língua inglesa. É possível que, tanto em língua inglesa quanto portuguesa, gênero tenha se tornado um eufemismo para sexo, a fim de evitar as conotações de genitália e coito. Assim, em formulário de identificação, atualmente, é comum encontrar gênero em lugar de sexo (p.121).

Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho homens e mulheres passaram a trabalhar juntos em indústrias e comércios e elas passaram a exercer dupla jornada uma vez que os afazeres domésticos se mantiveram em dedicação exclusiva das mulheres, perpetuando-se até os dias atuais. As mulheres travam lutas seculares para conquistarem espaços, romperem barreiras e desconstruírem o poderio e domínio masculino machista, a cultura patriarcal e o machismo estrutural. As relações de poder silenciam e invisibilizam as mulheres, deixando-as em situação de desigualdade e inferioridade. De acordo com Drumontt (1980):

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina (p.82).

As relações de gênero são relações de poder e dominação simbólica, constituindo as identidades de gênero dos sujeitos e marcando-os socialmente. Diante do machismo estrutural, nós mulheres somos visibilizadas em situação de inferioridade em relação aos sujeitos masculinos.

Vários são os classificadores sociais que impõe a dinâmica de movimentos das sociedades. Uma mulher branca certamente sofrerá menor opressão social que a mulher negra. Não é uma questão marcada apenas pelo fato de se ter ou não vagina, mas sim como a interseccionalidade que marcará a dinâmica de interação entre sujeitos, mulheres pretas, pardas e indígenas estão mais suscetíveis a serem vítimas dessas violências, mulheres de baixa renda e dependentes dos companheiros também sofrem essa violência e tem dificuldade para denunciar por conta da dependência financeira e também emocional. Nesse sentido o gênero age como classificador social nos mais diversos espaços da sociedade.

A construção de gênero e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo construtivo (Louro, 2008, p.18).

Podemos perceber que a construção da identidade de gênero é subjetiva, ou seja, construída e moldando-se ao meio que estamos inseridos, por isso perpetuam-se os preconceitos, relações de poder, desvalorização e silenciamento feminino. Lutar e conquistar direitos não é algo simples ou conquistado confortavelmente por nós mulheres, diariamente sofremos preconceito, intimidação, assédio e desvalorização nos diversos ambientes que circulamos, em entrevistas de emprego por exemplo, muitas de nós somos questionadas se conseguiremos conciliar a maternidade a inserção ao mercado de trabalho, questionamentos que não são colocados aos homens pais. As lutas para desconstrução do machismo e a conquista dos direitos femininos não são movimentos atuais.

Nessas lutas os Movimentos Feministas se mobilizam por todo o mundo em busca de acessos justos e equânimes entre os sexos. Na Europa no século XVIII o movimento Iluminista possibilitou a união das lutas aos ideais feministas com a crença nos direitos naturais à vida, à igualdade, à liberdade política e igualdade salarial para todos os sujeitos. Documentos como a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, texto jurídico produzido em (1971) e a *Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*, livro de autoria de Mary Wollstonecraft publicado em 1792 reforçaram a ideia iluminista e relacionaram a educação como contribuição necessária na luta pela igualdade e desconstrução dos privilégios masculinos, uma vez que a educação contempla os três eixos da formação humana, histórico, social e cultural.

Em 1911 nos EUA, os movimentos em prol da luta das mulheres buscavam conquistar a autonomia nas relações sociais, políticas e sexuais, colocando-se a refletir o modo de

ser/estar no mundo para as mulheres da época. Após a Segunda Guerra Mundial a filósofa e feminista Simone de Beauvoir vinculada ao existencialismo e uma das precursoras do feminismo moderno defendendo a desconstrução da hierarquização e de valores religiosos impostos a mulheres.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º evidencia os direitos fundamentais para todos os cidadãos “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

1.1 - Abordagem da violência de gênero no contexto escolar

Ter a oportunidade de estudar sobre as questões de gênero, dependência emocional, relações de patriarcado e os diferentes tipos de violência contra as mulheres, possibilita-nos perceber as distintas realidades de contextos tóxicos que adoecem mulheres de forma física, emocional, psicológica e moral. Em relação a abordagem de gênero, a sociedade desempenha um papel excludente e opressor. Em geral, a representação hegemônica da divisão entre os gêneros está polarizada entre o ser mulher, descrevendo meninas como calmas e frágeis e o ser homem, colocando meninos como bagunceiros e agitados. A escola é uma das instituições que rotula esses sujeitos e reforça a separação entre eles.

Esses papéis impostos reforçam a desvalorização dos sujeitos e em relação as meninas, a violência praticada contra elas. Abordar questões que envolvem a violência de gênero é um ato de luta e resistência diante de uma sociedade adoecida. Combater preconceitos, opressões e violências se faz necessário e a escola tem um papel fundamental nesse combate. Para Louro (1997)

As escolas fabricam sujeitos e produz identidades de gênero, de classe e sempre estão produzidas através de relações de desigualdades, no qual não podemos deixar que isso ocorra, está aí uma das maiores e importantes missões da escola, que é a interferência na continuidade das desigualdades dentro e fora do âmbito escolar.

Pesquisar e estudar autoras (es) como Maria Eulina Carvalho, Guacira Lopes Louro, e o autor Paul B. Preciado, filósofo e um dos principais pensadores da contemporaneidade nas questões de Gênero e Sexualidade e escritor transgênero tem grandes significados na trajetória de vida. Além de serem autor (as) que abordam as questões de Gênero, suas escritas estabelecem ligação entre vivências pessoais dentro do contexto da violência contra a mulher, que interligadas aos estudos de Gênero geraram reflexão e produção de saberes. Costumo

dizer que deste limão BEM AZEDO, construí saberes emancipatórios, saberes acadêmicos e saberes para a vida e como docente, compreendo a necessidade de formamos pessoas que desconstruam as violências enraizadas.

Compreendo que esses estudos foram libertários para mim como mulher, aluna e docente e a partir dessas experiências pessoais e por meio de estudos e pesquisas, possa auxiliar outras mulheres a se emanciparem e se libertarem das amarras das violências e das desvalorizações domésticas e sociais. Preciado (2022) afirma que não temos um corpo sobre o qual passamos refletir mais tarde. Nós mesmos fazemos um corpo e pagamos um alto preço (político e afetivo) por ele. Nossos corpos e sexualidades são instituições coletivas que ao mesmo tempo habitamos e encenamos (Preciado,2022, p.12).

A abordagem das questões de gênero se expande para além do âmbito escolar, essa abordagem política é necessária para articularmos e direcionarmos as relações sociais que visem o acolhimento, respeito e a valorização os sujeitos, bem como possibilitem a redução de opressões e violências. Para que possamos alcançar o alunado, se faz necessário antes disso, alcançar o corpo docente.

No ano de 2006 o governo federal lançou o projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE), criado com o objetivo de ofertar formação de professores para a abordagem de temas como Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e as Relações étnico-raciais com o curso de especialização ofertado através da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O programa Gênero e Diversidade na Escola (GDE) teve como proposta apresentar aos educadores/as da rede pública do Ensino Fundamental no Brasil uma noção de respeito e valorização da diversidade e foi oferecido inicialmente para 1.200 professores/as da rede pública do Ensino Fundamental. A intenção foi de problematizar com os professores a questão dos comportamentos preconceituosos não só de gênero, mas também de raça e orientação sexual, buscando trabalhar uma visão ampla de direitos humanos. A escolha dos temas específicos a serem trabalhados — gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais, bem como a decisão de seu tratamento conjunto, parte do entendimento de que os fenômenos se relacionam de maneira complexa, e é necessária a formação de profissionais de educação preparados/ as para lidar com essa complexidade e com novas formas de confronto (Finco, 2013, p.4).

Desde o lançamento as Instituições de Ensino Superior aderiram ao programa por meio da Universidade Aberta do Brasil através de financiamentos. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) oferta a Especialização em Gênero e Diversidade na escola através do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM). O último processo seletivo da instituição aconteceu em 2019 e a conclusão do curso ocorreu em 2021. Diante da importância do curso e da contribuição deste na vida de alunas (os) e profissionais da Educação, é importante de haja novas adesões e ampliação da oferta deste

para que a formação continuada contribua não só nas relações, mas também na equidade das dinâmicas escolares.

A abordagem de gênero no contexto escolar possibilita a redução de manifestações de violência e preconceito, e o acolhimento das diferenças. Tal abordagem contribui também para a redução de condutas homofóbicas. É importante frisar que não é necessário ser homossexual para lutar pela causa, nem ser uma mulher vítima de violência doméstica para apoiar a aplicação da Lei Maria da Penha e o fim do feminicídio. Em várias situações dentro do contexto social e acadêmico fui questionada quanto a minha sexualidade por estudar gênero ou por ter amigas lésbicas.

As questões de Gênero são postas estruturalmente e sofrem transformações ao passar do tempo, é preciso que se tenha a sensibilidade e inquietação de contemplarmos o gênero na sua pluralidade, para além dos corpos. De acordo com Preciado (2022) as relações entre os sujeitos devem acontecer não pela busca da igualdade entre eles, mas sim pela equivalência de todos os corpos vivos-sujeitos falantes. O autor também relata que;

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar, uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, um produto de contrato social heterocêntrico cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. Em segundo lugar, a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos natureza por um contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos e aos outros corpos não como homens e ou mulheres, mas como corpos vivos; reconhecem em si mesmos a possibilidade de ascender a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas (p.23-24).

As relações de gênero são relações de protesto, de construção e cultivo social. A definição de orientação sexual heterossexual dita com o “normal” não acolhe os sujeitos na amplitude da diversidade. A contrassexualidade permite então a reflexão sobre a relação corpo e máquina a partir da tecnologia social e das tecnologias sexuais. Essas reflexões e possibilidades desconstroem as imposições sociais sobre o feminino e masculino como papéis e práticas, possibilitando-lhes oportunidades equiparadas.

1.2 - Relações de poder e as múltiplas violências contra a mulher

Historicamente, analisamos as relações de poder vinculadas a um indivíduo ou grupo que tem o domínio e o controle sobre outro. Porém de acordo com Foucault (2017) o poder não deve ser considerado um fenômeno de dominação homogêneo, uma vez que “O poder

deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia [...] funciona e se exercer em rede” (Foucault, 2017, p.284).

Desse modo, as relações de poder estão em constantes transformação, circulando em diversos setores da sociedade, como é o caso do patriarcado que sempre teve em suas nuances poderes relacionado ao homem. Saffioti (2015) considera o patriarcado como uma categoria histórica, ou seja, um fenômeno social que é um regime de dominação e exploração das mulheres pelos homens. Em que “a cultura patriarcal fez, e ainda faz do destino das mulheres uma categoria social servil (de subserviência). Nesse regime, as mulheres são servis, objetos sexuais e reprodutoras da espécie” (Saffioti, 2015, p. 49).

A pesquisa nacional de Violência Contra a Mulher, desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa DataSenado no ano de 2023 demonstra uma queda em relação a percepção das mulheres em relação ao machismo na sociedade brasileira em 2005. 71% das mulheres descreviam o Brasil como país muito machista, em 2023 esse percentual caiu para 62%, 32% delas consideram o país pouco machista e 4% nada machista (DataSenado, 2023, p.3).

Essa compreensão das mulheres em relação a considerar o país pouco machista é influenciada por fatores que estão presentes na vida da dessas mulheres, como por exemplo, a religiosidade que reforça a relação de patriarcado e coloca a mulher na posição de subserviência ao homem e de conformismo em relação a desvalorização, silenciamento e violência. Tais fatores são vistos em sentido religioso ue é justificado pela mulher como responsável pela queda de Adão no paraíso. Em relação aos 62% do percentual de mulheres que consideram o Brasil um país muito machista podemos considerar os elevados índices de violência, feminicídios e opressão sofridos por estas para chegarmos a esse percentual.

Observa-se que em todos os contextos históricos, as mulheres sempre estiveram em situações de exploração e submissão aos homens, uma condição fundamentada pelas questões de gênero. Carvalho (2008) assegura que os gêneros constituem relações assimétricas, ou seja, par de opostos, por ser uma:

[...] construção cultural, social e educacional que resulta em desigualdade, subordinação, opressão e sofrimento humano [...]também é preciso considerar que as noções de masculinidade e feminilidade são instáveis e plurais, e se articulam a outras estruturas de desigualdade e dominação, como classe social, raça/etnia e orientação sexual. Assim, existem relações de distinção e poder entre diferentes formas de masculinidade e feminilidade, de sorte que a problemática de gênero afeta diferentemente mulheres e homens de diferentes condições sociais, e afeta também os homens que não correspondem aos ideais de masculinidade hegemônica (p.1-2).

As questões de gênero afetam distintas configurações sociais, atribuindo diferenças nas relações entre os sexos. Visto que, a abordagem de gênero é negligenciada em diferentes

contextos da nossa vida, e sendo ambientes repletos de sujeitos que inconscientemente nos formam nesse processo de construção.

A construção de gênero e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo construtivo (Louro, 2008, p.18).

Nesse sentido, a identidade de gênero é uma construção que se constitui por meio das influências que emanam do poder das estruturas patriarcais em que se está inserida. Como também ser apreendida de forma explícita ou dissimulada a desvalorizar o papel social da mulher sob diversas perspectivas no âmbito social, cultural, histórico e econômico.

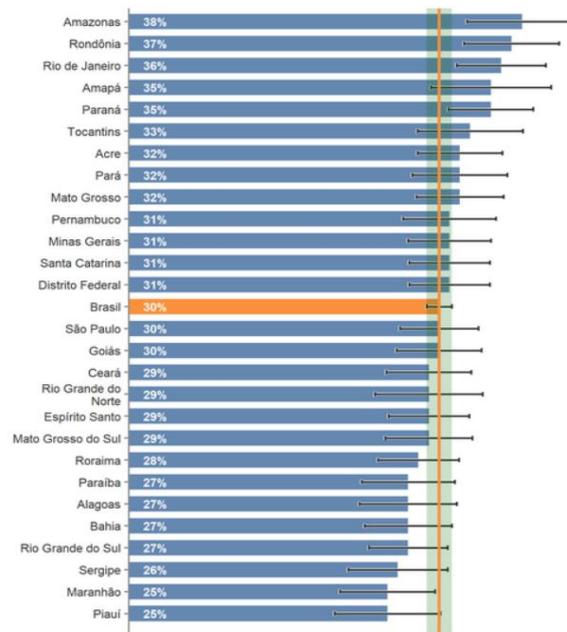
Através dessa relação de poder a mulher vem sofrendo diversos tipos de violências. A Organização Mundial de Saúde – OMS define violência contra mulheres, como “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada”.

Para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) os dados estatísticos da pesquisa de 2021 revelaram que uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência. E os dados de 2021 ao serem comparados com os de 2020 apresentam que houve um aumento das agressões contra mulheres, que geralmente são cometidas, por companheiros ou ex-parceiros (Paulo, 2021).

A pesquisa DataSenado 2023 apresenta dados estatísticos sobre a distribuição de mulheres que declaram ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por homens em cada unidade federativa do país, os dados estão de acordo com a população feminina do país no ano de 2023.

Dentre os estados do nordeste o Pernambuco é o único que está entre os dez primeiros da federação que as mulheres relatam ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar, atingindo o percentual de 31% e na décima colocação. Os demais estados distribuem-se em percentuais entre 29 e 25%. É também o estado com maior índice de feminicídio na região nordeste, a Rede de Observatórios da Segurança identificou 92 feminicídios em 2023, 62 deles sendo cometidos por parceiros ou ex-parceiros das vítimas. A Secretaria Nacional de Comunicação Social relata que em 2024 o número de denúncias no estado teve um aumento de 37,3% em relação a 2023. Foram mais de 3.000 denúncias através do número 180 foram 1.782 denúncias realizadas pelas próprias vítimas e 1.288 por

terceiros, dentre essas mulheres 1780 pretas ou pardas a maioria das violentadas tem idade entre 35 e 39 anos.



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 21.8 a 25.9.2023.
 Notas:
 (1) Os resultados e as margens de erro dessa pergunta foram apresentados nas tabelas do Anexo.
 (2) A pergunta "Você já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar?" oferecia duas opções de resposta: "sim" e "não". Na sequência perguntou-se: "Essa violência mais grave foi provocada por um homem ou por uma mulher?". Nessa análise foi apresentada apenas a porcentagem de cada unidade federativa as respostas correspondentes à opção "sim" e "por um homem" respectivamente.

Imagem1: Gráfico de dados DataSenado Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado

Diante do aumento da violência e desigualdades que decorrem a partir de conflitos que envolvem as questões de gênero, se faz necessário a inclusão de abordagens escolares que visem conhecimentos sobre a temática. Uma vez que essa problemática de gênero não é tão visível como as questões de raça/etnia no discurso e na prática pedagógica (Carvalho, 2008).

Abordagens escolares a partir da problemática da questão de gênero e violência, com acesso a diferentes linguagens da Arte e outras áreas do conhecimento é uma das possibilidades de estimular o desenvolvimento crítico-reflexivo de crianças e adolescentes aproximando-os por meio de aprendizagens, do protagonismo e do posicionamento político sobre direitos e deveres, bem como influenciar na perspectiva de que a violência pode resultar em consequências marcantes e dolorosas, como homicídios, depressão ou suicídio de mulheres.

A violência contra mulheres é um fenômeno que envolve diversas formas de abuso ou violação dos Direitos Humanos fundamentada na questão de gênero e, que se perpétua ao longo do tempo e espaço pela manutenção das relações de poderes da estrutura patriarcal, que

se manifesta na desigualdade de direitos, proteção e acessos entre os sujeitos em várias esferas, ultrapassando o domínio doméstico.

Na opinião de 73% das brasileiras, ter medo do agressor leva uma mulher a não denunciar a agressão na maioria das vezes.

A falta de punição e a dependência financeira são outras situações que, para 61% das brasileiras, levam a mulher a não denunciar a agressão na maioria das vezes. Por outro lado, a falta de conhecimento sobre seus direitos é apontada por menos da metade das cidadãs. Para 48% delas, não conhecer seus direitos leva uma mulher a não denunciar a agressão na maioria das vezes (DataSenado, 2023, p.10).

A dependência financeira é uma porta escancarada para ações de abuso e violência contra as mulheres. Um fator agravante é que muitas têm filhos e se sentem na obrigação de se manter no ciclo de violência para que o abusador mantenha o provimento das necessidades familiares. Para os abusadores a dependência financeira é ação primordial para manter a vítima no ciclo de violência, aprisionamento emocional e físico. A ação de exercer o controle sobre a vítima tem características em atos de isolamento destas em relação a amigos, trabalho, família e outros, a vítima torna-se prisioneira do abusador.

Quando o sujeito oprimido busca meios de sair desse ciclo abusivo, o abusador lança estratégias de retrocesso na intensidade do abuso, demonstrando uma falsa mudança comportamental para que haja segurança em não perder a vítima uma vez que a independência financeira possibilita a libertação e quebra do ciclo. Mas só a libertação financeira não basta para a resolução dessas problemáticas.

A dependência emocional é um fator relevante em relação a esse ciclo de violência. Deixo claro que essa abordagem resulta não só em estudos realizados, mas na vivência pessoal que estive inserida durante 18 anos. O estágio de dependência emocional permite a vítima apego e falsa segurança em relação ao abusador, justificando para si mesma que a ação abusiva sofrida tem um fundamento plausível, deixando-a numa situação de conformismo diante do sofrimento, muitas mulheres se sentem na obrigação de consertar o relacionamento, ou suportar situações tóxicas para manter o status da relação. Demonstrar um sucesso conjugal inexistente e manter o título de família constituída mesmo diante da catástrofe vivida.

Essas vivências decorrem em relações disfuncionais, não permitindo a mulheres e filhos uma comunicação democrática, a expressão de ideias e sentimentos, resultando na perpetuação do ciclo de violência. Crianças inseridas em contextos familiares tóxicos e em relações disfuncionais têm maior tendência em se tornarem violentas ou entrem em situação de conformismo diante de episódios tóxicos vivenciados durante a adultez.

É importante que nós mulheres conheçamos as políticas públicas que nos contemplam e nesse sentido a escola funciona como agente multiplicador de informações para estas tenham acesso a tais informações. O Programa Bolsa Família criado durante o governo Lula em 2003, foi em nosso país uma política pública de acessos que contribuiu em melhorias para pessoas em situações de extrema pobreza, possibilitando também a autonomia financeira de mulheres de baixa renda e dando-lhes não só o poder de compra. Reduzindo a dependência financeira em relação aos seus parceiros (me incluo nestas, pois consegui dar continuidade a educação básica e gerenciar as despesas educacionais com os 92 reais que recebia do programa, uma vez que meu ex-companheiro não queria que eu estudasse, estudar foi então um ato de rebeldia diante da opressão sofrida.

Atualmente o governo federal através dos Ministérios das Mulheres e da Educação, têm desenvolvido programas e ações que visibilizam as lutas femininas e lhes oportuniza a partir de acessos dignos e emancipatórios. Em outros momentos essas foram silenciadas e negligenciadas. É importante possibilitar o acesso de mulheres ao ingresso e permanência na formação educacional, no mundo do trabalho, no protagonismo e na transformação social.

As políticas de acesso contribuem na redução da misoginia, e a escola como lugar para diálogo em que avivamos quem somos por meio das práticas educacionais e das vivências significativas que estimulam o desenvolvimento crítico e posicionamento social, nos possibilita o reconhecimento como sujeitos culturais, singulares e com compromisso social.

É importante sentirmos a necessidade de sermos agentes multiplicadores de informações que emancipem sujeitos e os libertem de situações que causem a violação da dignidade humana. Abordar as políticas de inclusão é importante para que mulheres e a população no geral, compreendam a importância desses programas a longo prazo e os impactos emancipatórios ocasionados por essas políticas de inclusão, em relação aos programas e serviços de proteção à mulher, podemos perceber um aumento na compreensão e procura destes, de acordo a pesquisa DataSenado.

Em relação ao grau de conhecimento sobre os serviços que integram a rede de proteção à mulher, nota-se um crescimento relevante no número de mulheres que afirmam conhecer as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs). Essas unidades de Polícia Civil voltadas à assistência às mulheres em situação de violência, de acordo com a edição de 2021, eram conhecidas por 82% das brasileiras. Em 2023, esse índice sobe para 95% (DataSenado, 2023, p.14).

O surgimento das delegacias especializadas de atendimento à mulher (DEAM) foi enriquecedor para as lutas femininas, muitas mulheres relatavam atos de destrato e humilhação quando buscavam auxílio jurídico após sofrer violência, tais fatos inibiam

mulheres em situação de violência doméstica a buscarem ajuda. Estas delegacias contribuem para prevenção, proteção e investigação de crimes, prestando auxílio presencial e por telefone pelo número 180.

Durante o período pandêmico os índices de violência contra as mulheres tiveram aumentos significativos, o que se justifica pelo período em que estas estavam em casa junto aos seus agressores. Analisando dados tão recentes podemos afirmar que as lutas pela valorização, respeito e dignidade das mulheres precisam estar inseridas no nosso cotidiano, nas famílias e nas escolas que atuam como primeiras instituições formadoras de sujeitos para o humanismo e a valorização da vida.

1.3 - Cenas vividas

Cena I - (Sem data) 1997

Na inocência da infância sendo feliz naquele espaço imenso, cheio de natureza, brisa e cantar dos pássaros. Brincava e experienciava a liberdade que o lugar e o cuidar dos meus pais me trazia. Diante das limitações perceptivas, não imaginava o esforço que a minha mãe fazia para omitir a violência que sofria

Cena II - 15/03/20S06

Neste dia oficializei por meio de contrato civil o viver dentro do ciclo da violência. Sou apenas uma adolescente de 16 anos, não tenho maturidade cognitiva nem argumentos fortes para me defender, a paixão adolescente me faz achar que isso é suficiente. Não será, infelizmente!

Cena III - (sem data) 2010

No instinto de proteger e assistencializar aquele que nasceu do meu ventre, lutei ferozmente contra a opressão, violência psicológica e moral para que pudesse dar-lhe acesso ao tratamento de saúde necessário. Desde o início de tudo, já são cinco anos de violência e luta. Eu nem sei, nem sinto a carga de energias que tenho que depositar nessa luta, mas o meu corpo me cobrará, ficará exausto, prestes a colapsar.

Cena IV- Todos os dias

Quantos desafios vividos nessa jornada, como é difícil ser mulher. A segurança sempre fragilizada e uma luta constante para afirmar socialmente minhas capacidades profissionais, maternas e pessoais. Muitas vezes silenciada, descredibilizada, negada e amordaçada. Meu pecado? Nenhum! Minha sinhá? Ser mulher!

Cena V- 15/02/2025

Venha cá, filha, precisamos conversar. O mundo para nós mulheres é mais difícil, estamos sempre correndo algum risco. Existem homens bons, mas também ruins. Hoje estás com 10 anos e não posso te deixar brincar nos corredores ou na calçada, viver uma infância livre. Infelizmente, alguns homens não nos permitem se quer viver. Como o meu coração dói ter que me preocupar em te colocar nas aulas de defesa pessoal, não poder te deixar brincar nas casas das amiguinhas. São tantos medos, filha! Tantas inseguranças e diariamente os relatos de violência contra meninas como você, deixa claro o risco que vives. Desculpa por não poder te ofertar, no viver do cotidiano, a segurança que te oferto no meu colo, na nossa casa. Te amo, minha Gabi!

2 - CULTURAL VISUAL E VISUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR

Nos percursos históricos da humanidade, os indivíduos interagem e se comunicam através das linguagens. Bakhtin (1997) explicita que “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 1997, p.261). Desse modo a linguagem sempre esteve presente em todas as dimensões da atividade humana estabelecendo interações, produção de saberes e a construção dos processos histórico-sociais. A diversidade de linguagens possibilita aos sujeitos a comunicação em diferentes modos, na linguagem artística, por exemplo, essa comunicação faculta em vivências multi e interculturais.

Em concordância, Vieira (2004) ao abordar os estudos de Maturana sobre o sistema nervoso, diz que todo conhecimento da humanidade se faz por meio da linguagem, bem como somos seres autônomos e a nossa forma de organização é a autopoiese “[...] o vivo age e reage diante das circunstâncias, já que vai organizando seu conhecer a partir do próprio ato de viver”. Ou seja, toda forma de organização se autogere sempre em devir a outros organismos na interação histórico e social. Em que a produção de saberes é produzida e reproduzida por meio da linguagem, diante das circunstâncias, nas interações simbólicas da comunicação e nas práticas sociais.

Em relação a produção de saberes, Sardelich (2006, p.451) também esclarece que toda forma de conhecimento produzido nos chega pelos meios de comunicação. Estes, por sua vez, também constroem imagens do mundo. Produzir saberes a partir da Cultura Visual possibilita-nos construir significados do que vivemos por meio das percepções da linguagem visual nessa dinâmica da autoconstrução.

Dondis (1997) apresenta a linguagem como recurso da comunicação dos indivíduos nas sociedades. Ela é expressa por diversas formas, como por imagens infinitas, representações, significações, discursos e poder que permeiam todos os aspectos da vida cotidiana. Entre as formas organizacionais de transmissão do conhecimento e comunicação Freisleben, Valle e Cassol (2021) pontuam que, na atualidade esse conjunto de sistema relacional se prolifera de forma exacerbada, bem como seguem influências e imposições da hegemonia branca, eurocêntrica e patriarcal.

Muitas dessas produções de saberes resultam normas e padrões que tendem a classificar os indivíduos, geralmente a partir de sua posição de gênero, sexualidade, classe entre outras. Felipe e Guizzo (2003) explicam que os efeitos veiculados desse aparato relacional, como os discursos das propagandas e imagens têm intenção de produzirem verdades e moldarem os comportamentos dos indivíduos.

Por vivermos um período em que as imagens são facilmente acessadas, as visualidades passam a ser artefatos contribuintes no processo de comunicação, transmissão e produção de saberes. Sardelich (2006) traz reflexões sobre os estudos culturais, buscando compreender as formas de como os indivíduos vão dando sentidos a todo um conjunto relacional do qual consomem informações e compartilham significados aos acontecimentos da Cultura Visual. A Cultura Visual é um campo de estudo que possibilita-nos observar e significar o mundo a partir das experiências visuais, além da produção de saberes e interpretação do mundo é também uma possibilidade de conectar diversas culturas.

Monteiro (2008) cita o termo Cultura Visual para conglomerar essa diversidade de formas de representações, que vão desde as artes visuais, televisão, cinema, propaganda, bem como todas as outras áreas nas quais se produz e reproduz informações e comunicação, uma vez que ela se “[...] ocupa da diversidade do universo de imagens” (Monteiro, 2008, p.131).

Nessa perspectiva a Cultura Visual busca a compreensão crítica das produções visuais construídas nas práticas sociais. A autora também aborda que dentro do contexto de Cultura Visual a imagem é uma representação que pode ser considerada como artefato cultural, uma vez que ela.

[...] permite a reconstituição da história cultural de grupos sociais, contribuindo também para um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto da economia e da dinâmica das relações interculturais. Ou seja, a representação também é uma prática de significação (Monteiro, 2008, p.133).

Em síntese, as produções visuais são práticas cheias de significados e estão relacionadas as nossas experiências e percepções de vida, estas são aprendidas e construídas por meio dos processos históricos-sociais vividos na dinâmica das interações humanas. Para Monteiro a formação de sentido que se dá a partir de uma imagem sempre dialoga e expressa as diversidades e ideologias sociais.

Garcia, Calsa e Baliscei (2018) descrevem que a ação de olhar se desenvolve por um processo de ensino-aprendizagem partindo de intervenções. Por isso, pontuam a necessidade do desenvolvimento da sensibilidade e a crítica visual, uma vez que não são competências inatas ao indivíduo. Os desenvolvimentos destas habilidades são interligados a construção dos sujeitos desde as relações e experiências durante a primeira infância, na vida escolar, laboral e nas vivências de lazer. Os artefatos visuais na sua diversidade exercem pedagogias que trazem aspectos culturais a percepção e construção dos sujeitos.

Nesta perspectiva de intervenção na ação de olhar, tanto as instituições escolares quanto os diversos espaços de produções (artefatos) visuais exercem pedagogias de ensino-

aprendizagem de modo formal ou informal. O ato de olhar imagens a partir da investigação na perspectiva de valores culturais e da Arte possibilita o desenvolvimento de questionamentos norteadores em relação a cultura que ela nos oferece, bem como as relações de poder, conflitos sociais intrínsecos na obra e a relação de consumo desta.

A escola como espaço de diálogo e produção de saberes na dinâmica de educar e questionar, deve desenvolver e estimular vivências com foco na interpretação crítica de artefatos visuais, possibilitando a problematização e reflexão a partir das implicações advindas do consumo desses artefatos sob uma nova sensibilidade e olhares críticos para significá-las. Isso porque, como relata Sardelich (2006, p. 459) “as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento”.

Imagens são artefatos visuais educativos que operam e promovem os processos de ensino e aprendizagem para produção de saberes. Considerando que a educação não se restringe somente aos espaços escolares, se manifestando em diferentes espaços sociais, e que as produções visuais carregam em si um caráter pedagógico de ensino. Nesse sentido, percebemos a necessidade de que a escola articule práticas didáticas e pedagógicas interligadas a inclusão e efetivação dessas abordagens.

[...] o universo simbólico não se dá apenas por uma via – a verbal – ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo. Se considerarmos a linguagem não apenas como transmissão de informação, mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural, a leitura a considerada no seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão (Orlandi, 2001, p.38).

Dessa maneira, as práticas educacionais devem instigar os educandos na possibilidade de refletir e construir percepções e saberes a partir do que está sendo visto/estudado. As realidades e vivências do mundo que geograficamente está distante nos permite aproximação por meio das possibilidades midiáticas, das manifestações artísticas e culturais e pelo movimento intercultural. Em relação a abordagens visuais Garcia, Calsa e Baliscei (2018) destacam que os indivíduos têm dificuldade em atentar para aos aspectos visuais do dia a dia. E citam os estudos de Ott (2011) para destacar que as/os profissionais que atuam no Ensino de Arte necessitam

[...] instrumentalizar com um processo sistemático capaz de ensinar a ver, a pensar e a problematizar criticamente as visualidades expostas pelos museus, pelas intervenções escolares e pelos cotidianos contemporâneos nos quais (con) vivemos com imagens impressas, digitais e virtuais (Garcia, Calsa E Baliscei 2018, p.44).

Diante das fragilidades percebidas no contexto escolar que envolvem o ensino da Arte e suas linguagens, bem como outros componentes curriculares. É preciso um olhar sensível e que oportunize uma formação continuada e efetiva em Arte para que estes possam conhecer a função e a finalidade do uso da linguagem de modo interdisciplinar, refletir sobre as produções de imagens que serão apresentadas ao alunado, pois elas não apresentam somente caráter estético e formal de beleza. Também possuem o lado pedagógico de ensino à medida que elas dão visibilidade as influências de discurso, descrição ou categorização.

Garcia, Calsa e Baliscei (2018) mencionam a prática de estudos de imagens como “análise interpretação e construção visual, argumentando que elas demonstram que numa investigação visual os indivíduos não “recebem” as informações de modo passivo; pelo contrário, interagem e atribuem significados às imagens” (2018, p.42).

Uma vez que, a “[...] educação visual é uma educação que busca a construção de saberes, de mentes sensíveis que possam interpretar as imagens nas suas inúmeras formas, e é a disciplina de artes que assume essa função dentro da escola” (Dos Santos e Zigano, 2015, p.39).

As experiências visuais possibilitam a aprendizagem a partir de imagens, ler, observar, compreender os códigos e informações inseridas são ações necessárias para a produção e ressignificação de saberes. As visualidades se relacionam não só com o cotidiano dos sujeitos e os artefatos que estão inseridos no seu dia a dia, mas também na sua trajetória cultural e social.

2.1 - Cinema e curta-metragem no espaço escolar

O Cinema como tantas outras Artes e espaços de produção artística ainda é inacessível a algumas classes sociais. Duarte (2022) afirma que ir ao cinema e apreciar filmes é uma ação distante de ser apenas escolha individualizada ou passatempo. Ir ao cinema ou apreciar filmes em diferentes espaços possibilita o estímulo e desenvolvimento da competência ver e interpretar. “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (Duarte, 2002, p.17). Diante da amplitude e influência dessa ação na formação cultural e educacional dos sujeitos se faz necessário refletir sobre o consumo e a possibilidade de acesso a tal recurso e seus desdobramentos. Duarte (2002) destaca que:

Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas audiovisuais ganham sentido. Mesmo aquelas cuja linguagem ou estrutura de

significação escapam aos padrões convencionais ou que retratam hábitos e práticas distintas daquelas com as quais estamos familiarizados podem ser bem assimiladas e compreendidas por nós, pois nosso entendimento é permanentemente mediado por normas e valores da nossa cultura e pela experiência que temos com outras formas de narrativa (p.52).

Para ela as significações culturais dessas produções fílmicas não são independentes, mas sofrem influência dos espaços/contextos que podem ser consumidos e reproduzidos. Mesmo que as narrativas se distanciem de hábitos e práticas da sociedade que está apreciando o artefato, as normas e padrões são mediadores do processo interpretativo. O cinema oferece um conjunto de representações e narrativas que possibilitam o educar e a regulação de comportamentos dos sujeitos diante dos seus papéis sociais.

Os apreciadores enquanto consumidores desses artefatos, relacionam, interpretam e produzem sentidos a partir das normas e padrões, De acordo com Sardelich (2019) essas assimilações ocorrem por meio de negociações, não sendo as visualidades consideradas puras, para ela constrói-se uma “densa trama de interesses de representações em confronto, com raça, gênero, classe e diferença cultural” (Sardelich, 2019, p.199).

Nessa dinâmica de interesses e interpretações. Os produtos culturais em específico o cinema possibilita aos consumidores, um grupo de exibições e relatos que direcionam o educar, influenciando nas práticas comportamentais, ditando regras e influenciando em conceitos e modos de como ser homem e mulher dentro da sociedade.

A instituição escolar tida como formadora de sujeitos, na sua amplitude forma-os para vida diante das competências e habilidades estimuladas e moldadas durante toda a trajetória escolar, o cinema e seus desdobramentos não se distanciam desse contexto formativos. Docentes e instituições escolares devem estar atentos e sensíveis a efetivação de políticas educacionais que possibilitem aos educandos a reflexão de si, das suas ações e que olhem para outras pessoas com empatia, equidade, valorização das origens e construções culturais, contribuindo na produção de saberes por meio de ações democráticas.

A aplicação de artefatos fílmicos no contexto escolar está legalmente instaurada a partir da Lei 13.006, de 26 de junho de 2014, está alterou a Lei 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases (LDB), incluindo-se o parágrafo 8º no artigo 26, determinando a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica escolar, de exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais (Brasil, 2014). Tal Lei reconhece as experiências tecnológicas, digitais e visuais que os nossos educandos estão inseridos, reforçando práticas que envolvem as possibilidades de visualizar, interpretar e criar visualidades.

2.2- Imagens, memórias e identidade: Autobiografia Visual

Autobiografia Visual

Tive acesso a proposta de autobiografia visual durante o componente curricular Ensino de Arte, ministrado pela professora Dra. Maria Emília Sardelich, durante curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. A proposta possibilitou-me buscar resgatar memórias visuais e narrativas que marcaram a minha vida desde a infância até a adultez. Produzida no ano de 2018 retomo-a nessa etapa da pesquisa para correlacionar com a trajetória acadêmica e a presença das visualidades nas minhas vivências e estudos, bem como a contribuição no modo de reconhecer-me enquanto sujeita sertaneja, mulher. A autobiografia visual marca minha trajetória como um instrumento de avivamento das experiências culturais, afetivas e educacionais na dinâmica autopoietica do meu autoconstruir.

Durante os debates sobre constelações conceituais com o professor Dr. Marcelo Farias Coutinho, pude perceber que tanto minhas experiências visuais, quanto os estudos não se apartavam das vivências e trajetórias pessoal e profissional, desse modo, achei pertinente interligar os estudos referenciais as experiências de vida.

A relação com as imagens se dá ainda na infância, por meio de livros e gibis, até o ano de 1999 não havia energia elétrica na nossa casa, logo não tínhamos acesso a televisão. Um outro ponto que me aproxima da questão da produção de saberes a partir das imagens é que ainda na infância desenvolvi ceratocone, doença que degenera as corneias a partir do ato de coçar os olhos, diante da baixa acuidade visual, enxergar coisas e pessoas foi sempre um grande desafio, principalmente no contexto educacional, pois na época não havia um olhar sensível e norteador sobre adaptação de materiais e aulas.

Diante das possibilidades de melhoria da acuidade visual, enxergar imagens nos mínimos detalhes, poder fazer a análise e desenvolver a leitura crítica destas é motivo de alegria, bem como, oportunizar discentes e docentes a refletirem e aplicarem o uso das imagens na produção de saberes.

As imagens disponibilizadas em diversos locais, seja nas ruas, nas nossas casas, no local de trabalho, em instituições religiosas e tantos outros locais, estão ali todos os dias, mas não direcionamos um olhar investigativo e interpretativo. A autobiografia visual possibilita uma retomada reflexiva as visualidades da nossa trajetória de vida, resgatando-as de modo reflexivo e contributivo na interpretação de como nos construímos a partir das visualidades. A seleção das imagens ocorreu da seguinte forma: São imagens de objetos, locais e vivências pessoais que marcam minha trajetória de vida, em 2018 produzi a minha primeira

autobiografia visual, de la para cá surgiram novas experiências e por isso está autobiografia não está finalizada, irá sendo construída a partir dos consumos e experiências na dinâmica da vida.

Imagem 1- O rádio

O rádio de pilha marcou minha trajetória de vida, uma vez que era o meio de comunicação utilizado pelos meus pais para acessar informações por meio dos jornais locais transmitidos pela rádio Santa Maria AM, emissora que atua há 35 anos na região. Além disso, era através do rádio que acompanhávamos músicas e as partidas de futebol da SOCREMO - Sociedade Cultural e Recreativa de Monteiro. O acesso ao rádio possibilitou-me desenvolver a apreciação musical desde a infância, principalmente a música regionalista, bem como o desejo de estudar, pesquisar e aplicar a linguagem da música no contexto escolar. Assim sendo, reconheço sua importância como artefato da minha trajetória.



Imagem 2: Rádio Fonte: Disponível em:<http://www.google.com.br>

Imagem 2- O televisor

Durante a infância um dos meus programas favoritos era ir para à casa da minha avó Anunciada assistir as novelas e desenhos infantis. O televisor era pequeno e preto e branco, e funcionava a bateria. Retomando a essa vivência com o olhar de adulta, era também instrumento que contribuía para a socialização e respeito das diferenças, à noite toda a vizinhança se reunia para assistir as novelas. Lembro-me que tinha uma vizinha que não se dava bem com a minha avó, elas não se falavam, mas mesmo assim minha avó abria as portas da sua casa e a recepcionava para que ninguém ficasse sem acesso.

Nessa época provavelmente tendo de cinco a seis anos, meu maior desejo era ter um televisor em casa, a maioria dos colegas da escola moravam no distrito de Pernambuco, e

local que já havia energia elétrica e todos tinham televisor em casa. Este é um artefato que marca minha trajetória, pois pude vivenciar uma época sem acesso a esse recurso midiático e a alegria da chegada desse à minha casa.



Imagem 3: Televisor Fonte: Disponível em:<http://www.google.com.br>

Imagem 3- Seleção brasileira de 1994

A terceira imagem está relacionada com a segunda, em 1994 aos cinco anos assisti a minha primeira copa do mundo, lembro-me da sala de vovó lotada de pessoas e o televisor com uma imagem precária que mal dava para visualizar os jogadores, lembro também do patinho que passava quando a seleção fazia um gol.



Imagem 3: Seleção brasileira 1994 Fonte: Disponível em:<http://www.google.com.br>

Imagem 4 – O pestinha II

A quarta imagem representa um momento marcante da minha infância, a chegada da energia elétrica à minha casa e também o televisor. Sendo este o primeiro filme que assisti em televisor colorido.

O filme O pestinha II com John Ritter e Michael Oliver, lançado em 1991 sob direção de Brian Levant, chegou até mim no ano 2000. Assisti por muitas vezes e diante dessa retomada senti o desejo de assistir com os meus filhos, para que eles possam relacionar as semelhanças e diferenças entre os recursos fílmicos atuais e os passados.



Imagem 5: Cartaz do filme O pestinha II Fonte: Disponível em:<http://www.google.com.br>

Imagem 5 – Santa Luzia

Na sala da minha casa tinha um quadro com a imagem de Santa Luzia, esta sem sombra de dúvidas foi a primeira obra que analisei e tentei interpretar. Olhava para a imagem mas não a compreendia, não conhecia sua história. Já na adolescência pesquisei sobre a história da santa. Santa Luzia para os católicos é a santa protetora dos olhos, que em um ato de desespero arrancou seus próprios olhos havendo um milagre e surgindo outros ainda mais belo. A minha trajetória está relacionada com a história contada, pela oportunidade de enxergar bem, após a realização dos dos transplantes de córneas. Penso que toda possibilidade de melhora da saúde física, seja qual for o meio é um milagre para o sujeito favorecido.



Imagem 6: Santa Luzia Fonte: Disponível em:<http://www.google.com.br>

Imagem 6- Meu lugar

Durante a infância em meados dos anos 90 e 2000 o acesso a câmeras fotográficas era muito restrito, só conseguíamos fotografar quando as nossas tias que moram em São Paulo vinham nos visitar. Por esse motivo as evidências fotográficas da minha infância são poucas. Essa foto é um registro da minha filha brincando no açude de Pocinhos, local que marcou minha trajetória e hoje levo meus filhos e sobrinhos para apreciarem e experienciem a natureza.

Momentos de compartilhar alegrias, aflorar e avivar o pertencimento a comunidade rural. Esta imagem da minha filha representa a infância daquela menina que com os irmãos iam fazer panelinhas de barro com a argila do açude, que passava manhãs com o irmão pastoreando as ovelhas.



Imagem 7: As margens do açude Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 7- Mãe-aluna

Muitos foram os desafios para que eu pudesse dar continuidade aos estudos e articular a vida acadêmica e familiar. Em 2010 ainda concluindo o ensino médio, meu filho Guilherme tinha três anos, eu estudava na Escola Técnica de Saúde da UFPB e ele na Escola de Educação Básica-EEBAS/UFPB. Assim foi minha trajetória acadêmica, sempre atrelada a maternidade, como o pai não queria que eu estudasse, não colaborava e assim precisava gerenciar tudo sozinha.

Em 2014 quando cursava a graduação em Tecnologia de Alimentos engravidei e veio Gabriele, que desde a barriga respirava os ares da UFPB. Com a chegada dela, decidi cursar Pedagogia, pois já tinha esse desejo e também pensei na possibilidade de estar mais próxima deles através da prática profissional. Prestei o ENEM com ela recém nascida, amamentar e realizar a prova foi muito exaustivo, mas o resultado veio.

Iniciei o curso em 2016, durante esse período ela teve algumas pneumonias e não pode ficar no berçário, por esse motivo para continuar o curso precisei levar ela comigo,

mesmo constrangida e com medo de atrapalhar as aulas era a possibilidade que eu tinha para concluir o curso. Muitas professoras e professores nos acolheram com afeto, mas uma em específico me marcou quando disse “sua filha vai atrapalhar minha aula” me senti péssima, mas mesmo assim continuei.

Quando Gabriele completou dois anos, veio estudar na EEBAS pude cursar a pedagogia com mais tranquilidade, a equipe da escola sempre me acolheu muito bem, como mãe e como estagiária também. Em 2021 Gabriele foi minha aluna na escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, no 1º ano do Ensino Fundamental, essa foto da sala de aula do curso de pedagogia marca minha autobiografia nesse movimento de mãe-aluna-professora.



Imagem 8: Mãe-aluna Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 8- Laje das Moças

Localizada no Complexo Turístico Zabé da Loca na Comunidade Santa Catarina em Monteiro-PB à laje é um lugar muito significativo para mim, aqui consigo sentir a existência do divino a partir do que vejo, sem influências humanas. Sempre que vou a Monteiro retorno e levo outras pessoas, outras experiências, outros olhares. Em julho fomos e levei a minha avó com 90 anos e minha sobrinha com três anos. Mesmo sendo um local reconhecido nacionalmente, escolhido para gravações e eventos culturais, os próprios munícipes desconhecem.

A imagem me representa como sertaneja, como criança que acompanhava minha mãe para lavar roupa nesses espaços, como pessoa que valoriza e aprecia o visual, que respeita a natureza na sua plenitude e que acolhe práticas culturais que avivam a identidade local.



Imagem 9: Laje das Moças Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 9- Primeira escola

Ingressei na escola no ano de 1995, aos seis anos de idade na Escola Municipal Odilon Marinho de Oliveira no povoado de Pernambuco. Rever à escola é recordar as vivências não só educacionais, mas também as brincadeiras e experiências culturais vividas nesse espaço. Aqui estudei até a 4ª série. Nessa foto, estamos eu, a minha prima Jeane e minha amiga Verônica. Combinamos que sempre que podermos nos reunir nas férias, iremos relembrar nossa infância, da última vez até brincamos de pega-pega nos corredores.

À imagem da escola é muito significativa, foi a partir daqui, das professoras alfabetizadoras, das primeiras experiências educacionais que hoje estou aqui, escrevendo, lendo, reescrevendo essa dissertação. Represento aqui todas as instituições educacionais ao qual passei e todas (os) professoras(es) que contribuíram nessa trajetória evolutiva.



Imagem 10: Escola Odilon Marinho de Oliveira Fonte: Arquivo pessoal

Imagens são também estratégias para retomar memórias físicas ou mentais, avivar nossos corações, rememoram vivências, tempos e afetos. Posso contrair minha história através de textos, falas e também por fotos, imagens e vídeos. Nessas imagens autobiográficas encontro minha trajetória e identidade. Por meio delas reflito, me conecto, reconstruo-me e sigo caminhando através do ver/viver.

**“Saber ver é sentir o que se olha”
H. Pereira**

3- UMA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA: O QUE PRODUZIMOS ATÉ AQUI!?

Neste capítulo iremos descrever as vivências práticas desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado Prof-Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aplicadas na Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, localizada no bairro Bom Tempo, na cidade de Goiana, estado de Pernambuco.

A experiência ocorre na turma do 5º ano, no ano letivo 2024. Em 2022 desenvolvemos atividades interdisciplinares que envolviam o estudo de gêneros textuais atrelado a abordagem da linguagem do teatro, juntos estudamos o gênero textual fábula e produzimos o reconto da peça teatral “O casamento da dona Baratinha”. Durante os ensaios, além do estímulo ao desenvolvimento da linguagem teatral, foi possível perceber a melhoria comportamental em relação as interações entre as crianças, auxiliando emocionalmente os colegas que durante os ensaios e a apresentação teatral demonstravam insegurança ou vergonha para atuarem. Até hoje eles perguntam quando vamos ensaiar ou apresentar novamente a peça, não percebem que cresceram e as roupas não cabem mais.



Imagem 11: I Mostra Literária Fonte: Arquivo pessoal

1º encontro

Nosso primeiro encontro ocorreu no mês de março, período que a escola comemora o dia 08 de março. Dia internacional da mulher, nesse período é comum no ambiente escolar desenvolver atividades que expressem afeto e carinho em relação a equipe escolar feminina e as mães do alunado, mas não se aplicam ações que possibilitem os sujeitos refletirem sobre os desafios sociais enfrentados pelas mulheres, as problemáticas enfrentadas diante do machismo estrutural e como enfrentar a violência de gênero.

Diante das vivências educacionais, compreendemos a importância de construirmos conceitos e aprendizados firmados em práticas significativas e emancipatórias na amplitude educacional e as abordagens sobre as questões de gênero e violência de gênero são extremamente necessárias no contexto educacional, é ainda na infância que temos maior possibilidade de influenciar sujeitos a desenvolverem práticas humanizadas e que valorizem sujeitos.

A escolha dos artefatos fílmicos deu-se pela necessidade de aproximação das imagens e conteúdos em relação as temáticas abordadas, violência contra a mulheres e a abordagem dos artefatos audiovisuais para a produção de saberes no contexto escolar. Estes artefatos foram selecionados a partir de canais do You Tube para possibilitar aos educandos acessarem e apreciarem produções disponíveis na plataforma que estes já navegam, tornando a aprendizagem mais confortável e significativa, bem como, possibilitando-lhes em outros momentos, pós-pesquisa revisitar e investigar recursos audiovisuais que contemplam as temáticas de modo autônomo e crítico.

Nosso primeiro encontro foi dividido em três momentos, no primeiro momento convidamos os alunos para uma discussão sobre a trajetória das mulheres na sociedade e ações de violência contra as mulheres, posteriormente apresentamos a Lei 11.340/2006. Durante a abordagem busquei apresentar o objetivo da criação da Lei, reforçando o debate sobre a necessidade de coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, com foco na eliminação de formas de discriminação e punição destes agressores.

Todos os sujeitos gozam de direitos fundamentais, em relação as mulheres, a Lei busca assegurar-lhes o viver sem atos de violência doméstica e familiar, preservando-lhes a saúde física, emocional, psicológica e mental. Debates também sobre os desafios das mulheres também no contexto social, a qual homens que não são do convívio familiar também matam, estupram e violentam mulheres de diversas formas. Refletimos sobre o ódio social imposto a nós mulheres, e a relação dessas ações relacionadas ao mito de Eva e as concepções e influências religiosas.

Por fim assistimos juntos ao curta-metragem <https://youtu.be/HIDxtPEEZnM?si=2FVb2I9x6BBvo7Xno> artefato foi desenvolvido para o canal Memorista - fatos e histórias sob direção de Adriano Silva e produzido no Brasil. Durante o encontro buscamos indagar sobre a compreensão dos educandos em relação a violência, quais ações eles enquadrariam como atos de violência e apresentamos. Diante das respostas podíamos traçar o diagnóstico da turma e direcionar abordagens.

Nesse debate meninas e meninos iam identificando suas ações em sala de aula e no cotidiano familiar e apontando momentos que ocorreu violência “Tia, mas fulana bateu em mim, então existe violência contra o homem?”, “Tia, minha mãe meteu um garfo no meu pai, ela ficou brava com ele, isso é violência também?” Esses posicionamentos aguçavam o debate não direcionado apenas a violência contra a mulher, mas ações de violência no contexto geral e fez-nos perceber que as meninas e meninos identificam como atos de violência apenas a agressão física.

Ao tratar da Lei N° 11.340/2006 “Maria Penha” as crianças informaram que já ouviram falar que é sobre agredir, bater ou ser preso por causa que bateu em mulher. Diante da exposição de compreensões fomos ligando a implementação da lei aos modos de vida das mulheres brasileiras e como esta contribuiu e contribui para que estas vivam em situação mais segura, porém, fomos discutindo sobre a efetivação da lei em relação a educação das pessoas através da cultura da não violência. Após o debate fomos assistir o audiovisual intitulado “Quem é MARIA DA PENHA? ”. Diante da narrativa fílmica as crianças ficaram atentas e demonstravam emoções e indagações que geravam desconforto.

Após a apreciação fílmica retomamos o debate sobre mulheres e o contexto social destas, sugeri que as crianças pensassem em atividades significativas para comemorarmos com as mulheres da comunidade escolar. A turma entrou em consenso e decidimos redigir cartas para mulheres que fazem parte das nossas vidas, antes da escrita retomamos a abordagem do gênero textual carta reforçando a sua função dialógica. A equipe de apoio escolar foi contemplada com o recebimento desses artefatos, gerando muita emoção, pois a turma descrevia nas cartas a importância destas para a dinâmica escolar e o amor por elas expressado em forma escrita.

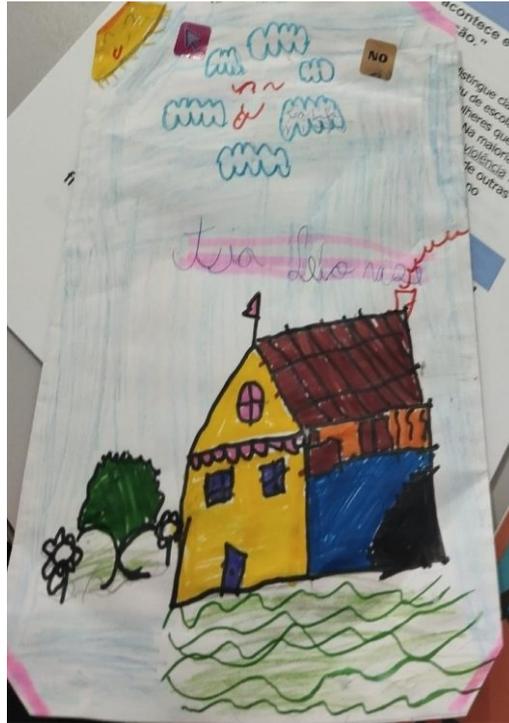


Imagem 12: Produção Espontânea Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 13: Produção das Cartas Fonte: Arquivo pessoal

2º encontro

O nosso segundo encontro foi fragmentado em dois momentos, a palestra sobre tipos de violência contra a mulher foi apresentada no primeiro momento para a turma do 5º ano e posteriormente a comunidade escolar (equipe escolar e familiares).

A palestra foi desenvolvida a partir do material disponibilizado no site do Instituto Maria da Penha <https://www.institutomariadapenha.org.br>, pois compreendemos que além de

manter fidedignas as informações interligadas a Lei Nº 11.340/2006, navegarmos juntas (os) pelo Instituto Maria da Penha possibilita um encurtamento entre a oferta de informações e o acesso a estas. A palestra foi desenvolvida em dois momentos por compreendermos a necessidade de uma abordagem diferenciada uma vez que nesse momento tínhamos participantes de 10 a 60 anos.

Com a turma nos debruçamos na abordagem da violência doméstica, ciclo de violência e os tipos de violência contra a mulher. Diante do capítulo II, artigo 7º da Lei Nº 11.340/2006, iniciamos a abordagem conceituando os cinco tipos de violência contra a mulher que estão descritos: violência física, moral, psicológica, sexual e patrimonial. Deixo em evidência a abordagem da violência sexual que gerou burburinhos entre o alunado, reforçando a necessidade de uma abordagem melhor direcionada sobre a educação sexual no contexto escolar para que exista uma desconstrução de tabus em relação a abordagem da educação sexual tanto no contexto familiar, quanto escolar.

Durante a abordagem as crianças e adolescentes iam se posicionando a respeito do tratamento entre eles, os meninos relatavam que as meninas também os xingavam com palavrões e palavras depreciativas. Fomos então conversar sobre a importância de tratamentos gentis e respeitosos, pautados na valorização do outrem nos diversos contextos a qual estamos inseridos.

Muitos argumentos, percepções e relatos que iriam mudar a forma de tratamento no contexto escolar foi acordada pela turma. Ao navegarmos no site do instituto Maria da Penha podemos ir conhecendo conceitos e identificando os diferentes tipos de violência contra a mulher, bem como as estratégias de empoderamento feminino. Ao encerrar a navegação pelo site do instituto Maria da Penha assistimos um documentário sobre a vida desta mulher intitulado “Quem é MARIA DA PENHA? A HISTÓRIA DA LEI MARIA DA PENHA”, disponível em <https://youtu.be/HIDxtPEEZnM?si=3TddMSXjciI71EZMe>. O artefato fílmico foi apresentado no primeiro encontro e reapresentado no segundo encontro para contemplar a todos os sujeitos envolvidos na pesquisa por compreender a importância deste na apresentação sobre a vida e a luta de Maria da Penha. Neste breve documentário é possível apresentar as (os) alunas (os), a trajetória da farmacêutica nordestina e as experiências por ela vividas durante o casamento com Marco Antônio.

As violências por ela sofridas serviram de grito em defesa das mulheres e na criação da Lei Nº 11.340/2006 sancionada pelo presidente Lula em 07 de setembro de 2006. Esse encontro trouxe a construção de significados em relação a Lei para a turma, para se

construírem homens e mulheres que compreendam a lei para além do nome e não permitam serem violentadas e nem violentadores.

O encontro com a equipe de profissionais e famílias teve o mesmo andamento, porém com uma linguagem mais diretiva em relação a abordagem da violência sexual. Durante o encontro percebi um silenciamento dessas mulheres. Em conversa com muitas colegas de trabalho em diferentes ambientes. Pude perceber que muitas delas se encontram no ciclo de violência que eu já vivi. Ciúmes dos colegas homens no ambiente de trabalho, domínio e gerenciamento do dinheiro destas, uso integral de bens como carros adquiridos por essas mulheres, proibição que as esposas viagem para congressos e encontros educacionais que contribuam na formação continuada e evolução profissional.

No início do encontro ao solicitar que elas descrevessem em um papel o que compreendem como violência contra a mulher, algumas disseram que não sabiam ou copiaram definições do Google. Diante disso iniciei a apresentação disponível no Instituto Maria da Penha para juntas irmos compreendendo os tipos e estágios de violência contra a mulher.

Toda à comunidade escolar foi convidada, mas apenas alguns homens, profissionais da educação estiveram conosco. Uma colega professora me perguntou: Leonice, você não tem vergonha de falar sobre essa violência que você sofreu? Respondi que não e que se isso contribuir para que outras mulheres quebrem esse ciclo, estarei feliz! Ouvir relatos dessas mulheres, me fez perceber o quanto isso me inquieta, a sensação é de querer libertá-las de todo esse ciclo de violências. É importante falarmos sobre os cuidados e acompanhamento psicológico dessas vítimas. Foi uma conversa leve e com a preocupação de não colocar-lhes em situação de constrangimento, conceituando situações sem indagações.

Outro ponto a ser destacado é a continuidade do ciclo de violência mesmo após o rompimento, especialmente por meio das vivências com os filhos. A violência psicológica, a humilhação e a alienação parental tornam-se instrumentos de uma vingança doentia, utilizada pelo agressor como forma de retaliação pelo afastamento da vítima.

Todos esses pontos foram discutidos no nosso encontro, a apresentação do documentário e os conceitos disponíveis no site do Instituto Maria da Penha. Porém, se faz necessário a implementação de programas sociais com equipes multifuncionais para acolher e contribuir na conscientização, emancipação e empoderamento de mulheres.



Imagem 14: Conscientização e Empoderamento Fonte: Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br>



Imagem 15: IMP Orientações sobre Violência Fonte: Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br>



Imagem 16: Apreciação fílmica sobre Maria da Penha Fonte: Arquivo pessoal

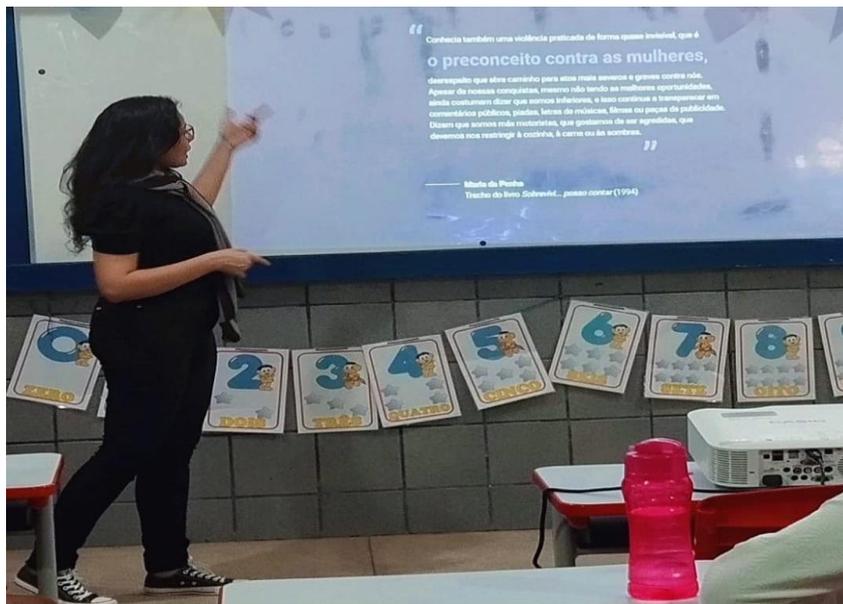


Imagem 17: Preconceito contra as mulheres Plataforma IMP Fonte: Arquivo pessoal

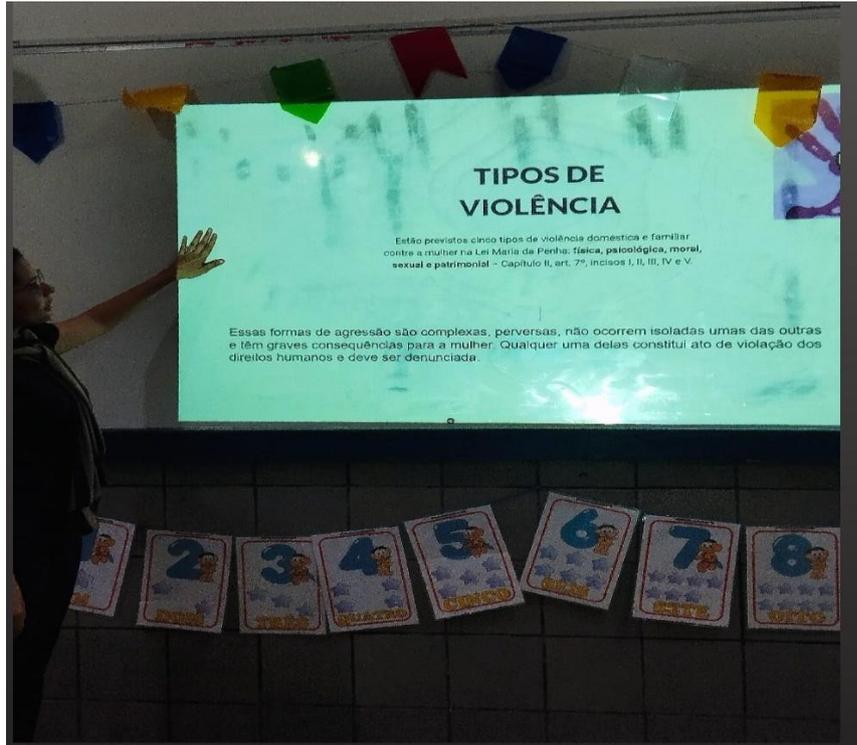


Imagem 18: IMP Tipos de Violência Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 19: Diálogo sobre violência Fonte: Arquivo pessoal

“Compreendo que violência contra a mulher é qualquer ato de agressão física, sexual, verbal e emocional. Não lembro de ter presenciado um ato de agressão física contra a mulher, mas já soube de muitos casos. Já em relação a violência verbal e emocional, já presenciei muitos casos e também fui vítima, quando passamos por isso não notamos que somos vítimas e que a situação que estamos envolvidas pode ser um tipo de violência, as vezes a sensação é de culpa pela reação do outro. Quando tomei consciência de que a violência não é só física ou sexual, entendi que havia sofrido várias violências durante minha vida e não havia percebido. A compreensão fez-me perceber e não mais permitir em minha vida pessoas que me defraudassem emocionalmente” (Professora).

3º encontro

Neste encontro foi possível relacionar a temática já abordada sobre as questões de gênero e refletirmos sobre o cinema como prática social e cultural. Ao perguntar o que os educandos entendem sobre o que é o cinema. A turma respondeu que cinema é um ambiente que encontramos nos shoppings e que apresenta filmes que estão em cartaz. Diante dessas percepções, precisamos desconstruir a concepção de cinema no sentido apenas comercial.



Imagem 20: Conceito de Cinema Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 21: Curta-metragem Fonte: Arquivo pessoal

Aproximando a abordagem do cinema ao regionalismo e as lutas femininas, fomos conhecendo movimentos e a potencialidade do cinema pernambucano. Fizemos uma trajetória na evolução audiovisual do estado, desde os anos de 1923 com a produção do primeiro filme de ficção produzido no Pernambuco, até os anos 2000 tornando o estado polo produtor de cinema.

Conceituamos cinema, curta-metragem e conhecemos alguns produtores e movimentos audiovisuais que se envolvem nas lutas sobre as questões de gênero. Cláudio Assis, Kleber Mendonça Filho, Renata Pinheiro, Juliano Dornelas, Dea Ferraz e Guel Arraes foram produtores apresentados para construirmos a identidade profissional do Cinema pernambucano. Compreendo a importância de conhecermos e valorizarmos os sujeitos produtores e componentes dessas obras.

Conhecemos virtualmente o MAPE- Movimento Mulheres no Audiovisual PE, esse movimento traz significado das lutas de mulheres nas artes e os desafios encontrados para <https://www.mulheresnoaudiovisualpe.com.br/formacoes> .

Falei sobre a importância do cinema no contexto escolar e a efetivação da Lei 13.006/2014 que possibilita a abordagem do cinema nacional por no mínimo duas horas mensais, compreendo que estes alunos agem como multiplicadores e influenciarão professoras e professores a inserirem essa prática em seus planejamentos educacionais.

Por fim, convidei a turma a escolher um filme nacional para apreciarmos juntos, e unanimidade a turma escolheu O auto da Compadecida escrito pelo paraibano Ariano Suassuna e produzido pelo pernambucano Guel Arraes. A vivência foi muito significativa e prazerosa para todos nós e deixou evidente como conseguimos consumir essa obra por vezes com a mesma emoção da primeira vez que assistimos.

Nosso encontro findou-se com muita alegria e risos, e a confirmação de que o cinema está dentro da escola e deve ser abordado nesse contexto.



Imagem 22: Apreciação fílmica Fonte: Arquivo pessoal

4º encontro

Neste encontro podemos apreciar o curta-metragem Cicatrizes https://youtu.be/TBX-3LA_h5s?si=uEurPxPakHp1Mtby a obra foi produzida por alunos da Fundação Educar DPaschoal para o projeto Curta na Educar que tem como slogan a frase Os incomodados que mudem o mundo. O curta-metragem aborda a violência doméstica e foi produzido no ano de 2016 em Campinas-SP. Como anteriormente já havíamos falado sobre curta-metragem, convidei-os para assistirmos o artefato, analisarmos e relacionarmos aos debates sobre violência contra a mulher que ocorreram anteriormente.

Durante a apresentação a sala esteve em silêncio total, por um instante fiquei a me perguntar se agi corretamente levando esse artefato para apreciação. Meninas e meninos demonstravam repúdio as cenas que estavam assistindo, diante das violências sofrida por Sofia dentro do seu próprio lar e praticadas pelo seu pai.

Ao decorrer dos 13 minutos de filme, não houve conversas ou dispersão, porém, no momento da narrativa em que o colega do irmão de Sofia passa a mão nela, os meninos da turma se posicionaram com falas como: “Isso é um perturbado”, “É nada, é um tarado”, “Que nojo”. Ao concluirmos a apreciação e iniciarmos os debates, a turma estava claramente mexida emocionalmente, mas com colocações bem pertinentes sobre a luta de combate a violência contra a mulher.

Iam identificando os tipos de violência cometidos pelo pai: “Tia, ele quebrou o celular dela, isso é violência patrimonial... tia, ele cometeu quatro tipos de violência, a patrimonial, psicológica moral e física, só não cometeu violência sexual”. Diante das falas e correlações,

foi possível perceber o comprometimento da turma e a importância dada por eles as questões que envolvem a violência de gênero e desvalorização das mulheres.

No final do encontro tive total certeza da contribuição assertiva que foi a seleção desse artefato para compor a pesquisa. Evidenciarmos que não só companheiros agredem mulheres, mas também pais, irmãos, parentes e desconhecidos. A violência pode surgir em distintas situações, meninos e meninas precisam estar atentos para identificação e o combate destas.



Imagem 23: Roda de conversa sobre Violência Fonte: Arquivo pessoal

5º encontro: Primeiro momento

Apresentação curta-metragem Entre Telas <https://youtu.be/rPaZbUF0Xu4> Discutir e refletir sobre os desafios das mulheres nos ambientes profissionais, silenciamento e negação de acessos. O curta-metragem foi produzido pelo Movimento de Mulheres no Audiovisual-PE com direção de Bruninha Leite, Carine Luíza e Maria Samara produzido em Recife no ano de 2018, esse audiovisual foi apresentado durante a Vivência FERA- Feminismo e Equidade para reinventar o Audiovisual. O mesmo possibilitou-nos conhecer e refletir sobre a inserção e o crescimento do número de mulheres presentes no audiovisual pernambucano, não apenas na atuação, mas também na produção, direção e em diversas outras funções.

Esse movimento das mulheres no audiovisual possibilita-lhes o reconhecimento e visibilidade destas mulheres na dinâmica cinematográfica estadual a partir da representatividade e da produção artística destas. Após a apreciação buscamos discutir em grupo sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no campo profissional e a sobrecarga que estas vivenciam, principalmente as que precisam gerenciar a vida profissional e os desafios da maternidade. As crianças correlacionaram as falas das mulheres no curta-metragem as realidades daquelas que os cercam e os desafios enfrentados. Uma das meninas falou que reconhece essa invisibilidade também com um ato de violência e silenciamento das mulheres.

Foi solicitado via e-mail ao MAPE uma visitação ao espaço de gravação e uma conversa entre as crianças e as mulheres do movimento. Obtivemos a devolutiva de que o movimento não possui sede, mas que tinham disponibilidade para alguém do movimento vir até à escola para debatermos sobre a temática do audiovisual. Dei continuidade a comunicação para marcarmos o encontro, mas não obtive respostas, logo o encontro não aconteceu, infelizmente!

Segundo momento:

Iniciamos o debate sobre roteirização e produção de curta-metragem. Abordar a ideia principal (*store line*). A produção fílmica sem dúvidas será um grande desafio para todos nós, nesse momento precisaremos conceituar alguns termos voltados a produção fílmica e estruturar as etapas de produção. Durante a conceituação das etapas fui instigando as crianças a refletirem sobre possibilidades e ideias para a produção. Convidei as crianças para pensarmos sobre o possível conflito da obra, personagens, produção e edição.

Como atividade de casa enviei algumas perguntas para reflexão sobre a produção e o roteiro. O que faremos? Como faremos? Qual a nossa ideia central? Essas perguntas serão importantes para correlacionarmos ideias e produzirmos o filme a partir da reflexão coletiva, construindo a obra de modo acolhedor e inclusivo. As crianças que não desenvolvem a leitura fluente participaram por meio de debate expondo suas ideias.

6º encontro

Durante todos os encontros tive a sensibilidade de acolher as ideias de todas (os) e oportunizar-lhes o debate sobre as etapas de construção do enredo, mesmo que em algum momento percebesse o distanciamento desses em relação a nossa abordagem principal. Iniciamos o encontro retomando as perguntas do encontro anterior. Alguns sugeriram criarmos uma história para construirmos o filme, outros sugeriram fazermos uma releitura encenada de histórias já contadas, outros sugeriram falarmos do cinema para que os expectadores possam conhecer a trajetória de criação deste e outros sugeriram a abordagem da Lei Maria da Penha. Diante das sugestões realizamos uma votação para que pudessemos decidir o percurso que desenvolveríamos.

A ideia inicial era fazermos dois audiovisuais, um construído pelas crianças e um por mim, porém, durante o trajeto percebi que as nossas ideias estavam entrelaçadas, não havendo necessidade de fazermos duas obras. Realizamos a votação e foi decidido que a turmaalaria

sobre o cinema, a partir de então organizamos os textos para estudo e buscamos audiovisuais que contribuíssem nessa produção.

Durante a apreciação dos audiovisuais para produção do filme, ao explanarmos a trajetória do cinema e falarmos sobre o cinema mudo, tivemos uma linda surpresa, Miguel, um dos alunos participantes, é um apreciador das obras de Charlie Chaplin e do Cinema mudo. Ele se tornou o protagonista do nosso encontro, nos proporcionando uma verdadeira e linda aula sobre o cinema mudo. Foi um momento muito prazeroso, repleto de gargalhadas e sorrisos. Observamos que a prática de apreciação dos recursos fílmicos contribui também para o gerenciamento das emoções e da saúde emocional.

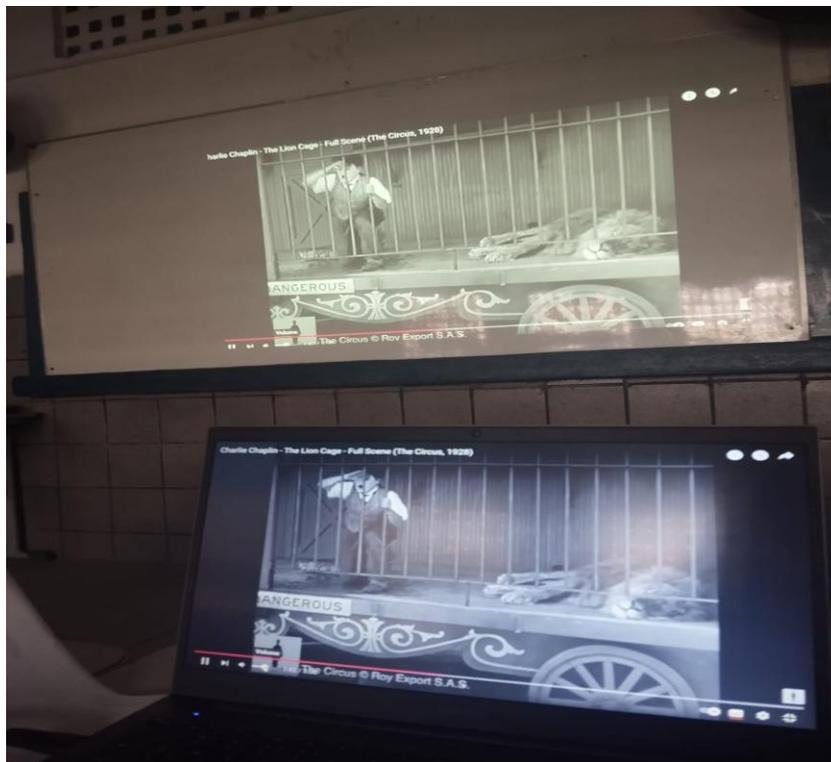


Imagem 24 Apreciação do cinema mudo Fonte: Arquivo pessoal

Íamos também nos questionando sobre as imagens e as informações que essas nos transmitiam através dos gestos, as diferenças entre estes e os audiovisuais da atualidade. Essas observações norteavam os argumentos e as falas para a gravação do nosso filme. No segundo momento as crianças realizaram a leitura dos textos sobre a trajetória do cinema a nível mundial, nacional e regional e assistiram <https://youtu.be/7MoTQxm31TM?si=pIDPKKhdYyG9XR8x> contribuindo como referência na construção do filme.

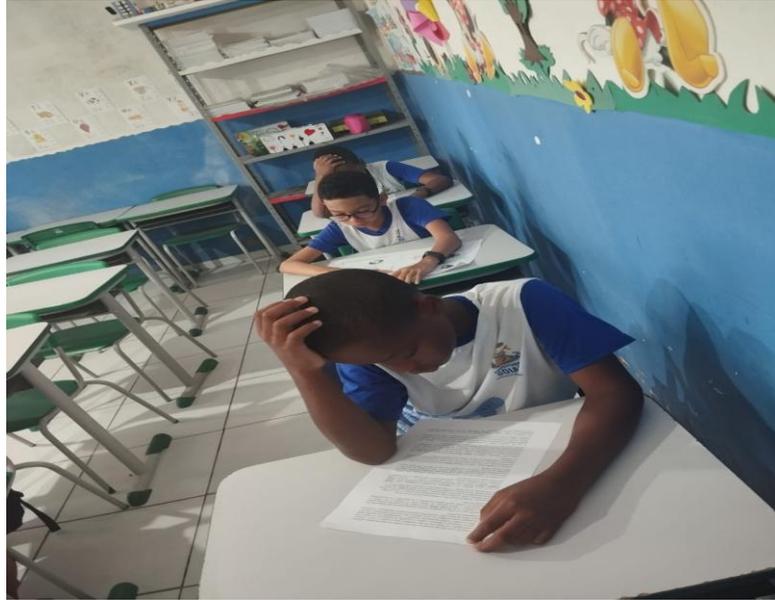


Imagem 25: Estudo de textos sobre cinema Fonte: Arquivo pessoal

7º encontro:

No nosso sétimo encontro podemos contextualizar as nossas ações com bases nos objetivos e necessidades a serem alcançados com a produção da obra. As ideias iam criando forma e cada participante encontrando-se na estruturação do filme. Obviamente não somos profissionais do audiovisual, então o desenvolvimento dessa etapa foi pautado no senso criativo e argumentativo dos educandos, na nossa curiosidade em desenvolver ações sobre a abordagem do Cinema interligando as nossas trajetórias de vida.

As crianças verbalizaram o desejo de abordarem no audiovisual não só os saberes construídos a partir dos debates e estudos, mas também a oportunidade das pessoas conhecerem quem são eles, o ambiente da escola e da comunidade. Achei um argumento riquíssimo pois além das narrativas escritas, teremos no filme uma evidência da realidade dessas crianças e o contexto a qual a escola está inserida. A partir dessas decisões iniciamos a gravação dos áudios sobre o nosso objeto de estudo, o cinema.



Imagem 26 Debate produção fílmica Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 27 Estruturando ideias Fonte: Arquivo pessoal

8º encontro

Nesse encontro tivemos como objetivo retomar a abordagem dos aplicativos de edição para darmos continuidade a gravação e edição das imagens. Deixo evidente aqui o enorme desafio que tive para concluir a pesquisa e as dificuldades enfrentadas por nós profissionais que optamos por uma formação continuada e a articulação entre o desenvolvimento da pesquisa e o trabalho. Por muitos momentos achei que não iria conseguir concluir esta pesquisa, muitos foram os desafios.

Diante das experiências dos educandos com aplicativos de edição a qual muitos já usaram para editar e publicar fotografias a turma decidiu que editara o filme com o inshot https://play.google.com/store/apps/details?id=com.camerasideas.instashot&pcampaignid=web_share. A partir de então fomos baixar o aplicativo nos celulares que ainda não tinham e conhecer as funções do aplicativo para desenvolvermos autonomia e confiança durante a gravação e edição do material.



Imagem 28 Explicação sobre produção audiovisual Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 29 Buscando aplicativos de edição Fonte: Arquivo pessoal

Nosso segundo momento foi desafiador, mas também rico e emocionante. Digo desafiador pois foi o momento de irmos às ruas gravar a realidade visual do bairro e diante das experiências vividas no local, sabemos que em alguns momentos acontecem confrontos e violência no local que ocorrem sempre no período matutino e antes do horário escolar.

Nosso passeio pelo bairro aconteceu à tarde e me trouxe uma bela surpresa. Ainda quando trabalhava na escola havia um campo no bairro e que as crianças sempre pediam para fazerem educação física lá, porém por conta da realidade violenta, não era possível.

Durante o passeio a turma me convidou para irmos à praça e eu achei que era uma mini praça que tem na entrada do bairro, mas não, nesse espaço do campo foi construída uma praça que as crianças fizeram questão de mostrar pois agora eles têm onde brincar e segundo eles, podem ficar na rua mais tranquilos pois sabem que ali sempre tem crianças brincando.

Segundo eles, terem a possibilidade de mostrar o bairro é poder desconstruir a má imagem que a população da cidade tem sobre esse espaço. Certa vez fui abordada por uma colega professora que trabalha no centro da cidade, e a mesma me indagou: como eu uma excelente professora, me sujeitava a trabalhar numa comunidade com pessoas violentas? Esse questionamento fez-me refletir sobre os preconceitos e estigmas em relação as pessoas carentes e as periferias, silenciadas, desacreditadas e negadas de acessos. Essa pesquisa é não

só a produção de saberes entre nós, mas também a oportunidade de acreditar e estimular as potencialidades das crianças, e da comunidade escolar.



Imagem 30 Nosso bairro Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 31 O Recanto Bom Tempo Fonte: Arquivo pessoal

9º encontro: Nossa ida ao Cinema

Confesso que não imaginava que a nossa ida ao Cinema seria tão desafiadora. Inicialmente planejei a ideia de irmos ao Cinema da Fundação Joaquim Nabuco pois assim também poderíamos visitar também o Museu do Cinema, enviei vários e-mails e também liguei, os e-mails não foram respondidos e nas ligações era informada que a confirmação de visita só poderia ser realizada através de e-mail. Sendo assim não conseguimos essa visita. Entrei em contato também com o Cinema São Luiz, ambos os cinemas na cidade de Recife. A resposta via e-mail também foi demorada, mas obtivemos retorno, nos foi informado que o Cinema só recebe escolas aos sábados e não é gratuito.

Diante do temor em viajar com as crianças no final de semana, optei por não realizarmos essa visita. Essas devolutivas me fizeram refletir sobre a dificuldade de acesso a espaços de Cinemas, que oportunidade nossas escolas e alunos estão tendo em relação a educação cinematográfica? A partir dessa inquietação posteriormente darei a estudos investigativos sobre tal questão. Em relação a instituição municipal tivemos todo aporte necessário para que ocorresse tudo de modo tranquilo e responsável.

Diante da dificuldade de acesso, optamos por irmos ao Cinema do shopping não era esse o planejado, mas foi a possibilidade que tínhamos para encerrarmos esse ciclo de modo significativo, apreciando e conhecendo o nosso objeto de estudo. Me organizei financeiramente arcar com as despesas do acesso e também da alimentação das crianças e da equipe de apoio. As crianças estavam numa animação só, e assim como a professora solicitou, chegaram todos fardados, com roupas limpas e de sapato, itens solicitados por serem parte do kit escolar recebido pelos alunos.

Optamos em ir ao shopping de Igarassu por ser mais próximo de Goiana. Fui observando cada olhar, as falas, as expectativas daquelas crianças, estávamos apenas a 37 Km de distância de Goiana, mas a realidade dessas é de fato distante do que eles estavam vivenciando. Não só os alunos, mas o corpo profissional escolar também, a maioria nunca foi ao cinema e alguns pediram para ir ou ficaram com vontade de ir, porém como a escola estava em funcionalidade, não podíamos tira-los das suas funções. Isso reforça ainda mais a necessidade de espaços de apreciação cinematográfica na cidade, como já teve anteriormente.

Adquirimos os ingressos e informei ao motorista que foi conosco que ele estava convidado a assistir conosco ao filme. Adentramos a sala e começaram os comentários “eu nunca vi uma tela tão grande”, “obrigado, tia”, “é lindo”. Os óculos 3D foram motivo de alegria e curiosidade, assistimos ao filme Moana, os olhos se mantinham atentos a cada

movimento, nunca os vi tão quietos. Ao terminar o filme, cada um fazia seus comentários, achei interessante o motorista do ônibus escolar, ele comentava o filme com tanto entusiasmo com as crianças que até parecia uma delas, na volta ele nos disse que foi a primeira vez que foi ao cinema. Já os alunos voltaram discutindo o filme, trocando experiências e percepções.

Ao sairmos da sala de cinema, fomos ao banheiro, uma de nossas alunas ficou encantada com o banheiro do shopping, eu e a professora Assilândia que estávamos as acompanhando não contivemos as lágrimas, nos emocionamos. Essas experiências foram muito significativas, pois sei que além de saberes, construímos memórias que os marcarão por toda a vida.



Imagem 32 O Cinema Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 33 Apreciando Moana em 3D Fonte: Arquivo pessoal

10º Encontro: II Seminário de Educação

Neste encontro tínhamos planejado que encerraríamos a pesquisa assistindo ao filme produzido com toda a comunidade escolar, porém, diante das mudanças no calendário letivo, as crianças tiveram o encerramento do ano letivo antecipado pois os docentes iriam participar do II Seminário de Educação do município. Decidimos então que em fevereiro de 2025 nos reuniremos para essa ação.

Esse encontro acontece não com as crianças, mas com docentes não só da escola Tarcila Coutinho Amaral, mas com professoras (es) da rede municipal. Fui convidada para ministrar uma oficina sobre Arte durante o Seminário. Assim como acontece durante as formações CNCA na GRE Mata Norte, era mais uma oportunidade de convidar docentes a refletirem sobre as práticas voltadas ao Ensino da Arte e os desafios enfrentados para lecionarmos esse componente curricular.

Durante o seminário teríamos 10 oficinas, para que pudéssemos acolher com conforto os 500 profissionais desde gestores a professores. Inicialmente a oficina intitulada: O Ensino da Arte e a música no contexto escolar, tinha 40 vagas disponíveis, diante da alta procura, precisamos ampliar o número de vagas e buscar um espaço maior para que a oficina acontecesse, o que me deixou imensamente feliz pois demonstra o interesse dos profissionais da educação do município em relação aos estudos e abordagem da Arte e suas linguagens. A oficina aconteceu na data de 20 de dezembro com a participação de 101 profissionais da

Educação Infantil ao Ensino Fundamental com os objetivos de discutirmos sobre o Ensino da Arte na Educação Básica e sua obrigatoriedade a partir da Lei 9.394/ 1996, evidenciar as contribuições da Música e as demais linguagens da Arte oferecem nas práticas escolares na Educação Infantil e Ensino Fundamental a partir dos documentos norteadores currículo de Pernambuco e BNCC.

Desde que ingressei na rede percebo uma maior preocupação na abordagem dos componentes curriculares Língua Portuguesa e Matemática o que muitas vezes deixa os demais componentes curriculares em segundo plano ou negligenciados, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, nas práticas formativas com os professores da rede, busco sempre os instigas ao desenvolvimento das práticas interdisciplinares, bem como refletirem sobre a indissociabilidade que existe entre Arte, Cultura, formação e produção de saberes.

Na abordagem tratamos da Lei nº 13.006/ 2014 e a Lei nº 13.278/2016 compreendo que esse dialogo contribui na segurança profissional de professoras (es) e no argumento legal para o desenvolvimento do trabalho pedagógico voltado para a Arte e suas Linguagens. É necessário desconstruirmos o achismo que as atividades artísticas são apenas brincadeiras, passatempo ou falta de planejamento docente. O que muitas vezes oprime e gera insegurança em professoras (es) durante a ministração do componente.

Temos discutido na Rede de Ensino a necessidade urgente de formação continuada que contemple todos os componentes curriculares. Nesta oficina discutimos um pouco sobre o Ensino da Arte, mas diante dos desafios sabemos da necessidade de muitos outros encontros. Ao encerrarmos o encontro algumas docentes da Educação Infantil me procuraram para perguntar se poderíamos dar continuidade a essa abordagem durante as formações do ano letivo 2025. Diante das diversas experiências que envolve a Arte e suas Linguagens que vivenciei na Rede de Ensino e também na trajetória acadêmica, fico imensamente feliz em poder devolver a sociedade todo investimento a mim ofertado, para além da atuação profissional, mas no dever de cidadã, contribuindo em melhorias educacionais e formação e reflexão dos sujeitos docentes e discentes.



Imagem 34 II Seminário de Educação Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 35 Ministração da Oficina Ensino da Arte Fonte: Arquivo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visualidades fazem parte do nosso cotidiano desde muito cedo. A produção de saberes a partir dos recursos audiovisuais possibilita-nos a construção de ideias e significados de modo prazeroso e participativo culturalmente e socialmente. Os recursos visuais nos permitem observar, refletir e produzir saberes. Sendo a linguagem das Artes Visuais um artefato para a integração e abordagem de problemáticas sociais. Neste trabalho desenvolvemos a relação entre as visualidades, a cultura visual e as questões de gênero.

Nos diferentes espaços ao qual circulamos, as visualidades estão presentes. No contexto escolar sua inserção vai para além do olhar/perceber. São muitas as possibilidades que os recursos audiovisuais podem ser utilizados no contexto escolar, possibilitando a socialização e integração de abordagens que contribuam no desenvolvimento do senso crítico reflexivo.

Durante a idealização dessa pesquisa pude refletir sobre a importância de discutir a violência de gênero no contexto escolar bem como a necessidade de oportunizar discentes a acessos artísticos dentro das práticas educacionais escolares. Relacionar os recursos audiovisuais a abordagem da violência de gênero nos possibilitou não só o desenvolvimento do fazer artístico, mas também a oportunidade de refletir em relação a violência contra as mulheres e os danos por ela causados.

Abordar Gênero nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi muito desafiador, discutir violência com crianças exigiu sensibilidade, cuidado e articulação. Vê-las discutindo, se posicionando e repugnando situações de violência a partir das apreciações fílmicas me fez perceber a riqueza social e humana no desenvolver desta pesquisa. A partir do apreciar, fomos nos posicionando e analisando as situações de violência no contexto que nos rodeia.

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa foi possível discutir a violência contra a mulher a partir dos debates e apreciação dos audiovisuais, bem como estimular nas crianças a criatividade e o fazer artístico a partir da criação e produção audiovisual.

Em meio as vivências com a as crianças e com a unidade escolar foi possível perceber a carência dessas abordagens nas suas trajetórias escolares e no contexto social em geral. A ausência de oportunidades para acessarem movimentos que envolvem nas visualidades como o cinema e, a abordagem educativa da problemática que envolve as questões de gênero. Uma problemática identificada durante o percurso da pesquisa foi a limitação e ausência de acesso dos sujeitos escolares a espaços culturais a exemplo da nossa tentativa de acesso o Cinema São Luiz e a Fundação Joaquim Nabuco.

Após o desenvolver da pesquisa posso concluir que a interligação entre as visualidades por meio dos recursos audiovisuais e as questões de gênero evidenciou a necessidade de inserção de abordagens e práticas educacionais e culturais que aproximem da realidade dos educandos. Que os debates gerados permitam nos enxergarmos e construirmos as possibilidades para a desconstrução de preconceitos, violências e opressões.

Durante as apreciações e produção fílmica fomos nos construindo em teia, respeitando as diferenças de pensamentos, acolhendo as ideias e nos transformando diante da oportunidade do fazer artístico, e no refletir sobre os desafios que encontramos ao longo do desenvolvimento. Nos inquietamos diante da violência física e moral contida nos audiovisuais e isso me fez perceber o quanto meninas e meninos estão atentos e sensíveis a se posicionarem diante dessas situações de violência. Tais posicionamentos, me fizeram refletir sobre a abordagem da violência de gênero desde a primeira infância como necessária, pois os sujeitos terão a oportunidade de se construir não violentos e nem oprimidos pela cultura da violência contra mulher que se reforça e renova ao passar dos anos.

Concluo com o desejo de que as dinâmicas no contexto escolar sejam efetivadas por meio de práticas prazerosas que possibilitem as nossas crianças modos de agir socialmente que valorizem e respeitem as diferenças e desenvolvam autonomia e sensibilidade no fazer artístico na atuação discente, que se norteiem a partir da dignidade e sensibilidade humana respeitando os direitos, valorizando a vida e buscando equidade de acessos.

Que essa conclusão seja apenas o início de oportunidades e vivências por meio da docência/discência para avivarmos as relações a partir do ver/viver artístico e dos acessos culturais, que nos oportunizem produzir conhecimento e desenvolver o acolhimento pautados na valorização de sujeitos e redução de violências e conflitos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Trícia Tamara Boeira do; FISCHER, Adriana. **Abordagem da imagem em um livro didático voltado para a alfabetização: perspectivas de letramento visual/ NA Approach to Images in a Literacy Textbook: Perspectives on Visual Literacy.**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Os gêneros do discurso. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; GARCIA, Fernando Herraiz. Leitura de imagens e ensino de arte: representações de masculinidades no filme “O Peixe”. **Visibilidades**, Goiânia v. 16 n.2, p.37-66, jul-dez/2018. SD ==0WOF;

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Versão final. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei 13.006/2014, de 26 de junho de 2014.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 26 de junho de 2014.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 4/2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 824, Brasília, 14 de julho de 2010.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: uma análise do contexto Brasil e Austrália. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 29, n. 2, p. 315-336, 2020.

CARLOS, Erenildo João; FAHEINA, Evelyn Fernandes A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. In: CARLOS, E. J. **Por uma pedagogia crítica da visualidade.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 27- 43.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Construção e desconstrução de Gênero no cotidiano da educação Infantil: Alguns achados de Pesquisa. **31ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO.** 19 a 22 de outubro de 2008. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/trabalho_encomendado_-_gt23_-_maria_eulina_pessoa_de_carva.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas.** Florianópolis, 2015. P. 119 a 136.

CORDEIRO, Natália; **Violência contra as mulheres: (re)produção de desigualdades nas políticas públicas/Natália Cordeiro.** Recife, PE: SOS Corpo, 2023.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens como pedagogias culturais em cenários da Educação Infantil. In: MARTINS; R; TOURINHO. **Pedagogias Culturais.** Santa Maria: Editora UFSM, 2014. p. 199-224.

DATASENADO. Pesquisa Nacional de Violência Contra a Mulher – 2023. Brasília: Senado Federal, 2023. Disponível em:<

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contr-a-mulher-datasenado-2023>> Acesso em: 12 novembro de 2024.

DOLS SANTOS, Aline Steinmetz; ZIGANO, Ester. **ALFABETIZAÇÃO VISUAL. *Maiêutica-Arte e Cultura***, v.3,n. 1,2015.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes,1997.

DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85,1980.

DUARTE, Rosalia. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. Pro-Posições. V..14, n.3 (42) – set. /dez, 2003.

Finco, Daniela. *Infância, cidadania e igualdade de gênero – desafios para a educação infantil*. Santiago-Chile. 2013. Disponível em: Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11_FincoD.pdf> Acesso em: 23 dez. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 eds. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, João D. **Autopoiésis: Uma introdução às ideias de Maturana e Varela**. 2008. 128P.ISBN 9781434843760

FOUCAULT, Michel 1926-1984. **Microfísica do poder/ Michel Foucault organização; introdução e revisão técnica de Roberto Machado**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. ISBN: 978-85-7753-296-4.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em Três Artigos que se completam**. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Questões de nossa época).

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

FREISLEBEN, Jéssica Maria; VALLE, Lutiere Dalla; CASSOL, Márcia Silveira. **Pedagogias culturais e proposições pedagógicas: experimentações artísticas com crianças. Olhar de Professor**. V.24, 2021.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. *Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14*. In: FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015. p. 4 a 23.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999a.

GIROUX, Henry A. Cultural estudeis, public. pedagogy and the responsibility of intellectuals. **Communication and Critical/Cultural Studies**, London, v. 1, n. 1, p. 59-79, 2004b. (The online platform for Taylor & Francis Group)

KOCH, Ingedore Vilhaça. **O texto e a construção de sentidos**. 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2001. – (Caminhos da Linguística).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guaciara Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e Gênero nas práticas escolares. In SILVA, Luís H. (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 33-47.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas. Proposições**, v.19, n.2, mai./ago. 2008.

MATURANA, H.; VARELA F. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001^a

MATURANA, H.; VARELA F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**/tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. 8º edição. São Paulo: Palas Athenas, 2001b.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De Máquinas y seres vivos- autopoiesi: la organización de lo vivo**. Santiago do Chile: Editora Universitária, 1998.

MONTEIRO, Rosana Horio, Cultura Visual: definições, escopo, debates. **Domínios da imagem**, v.2, n.2, p.129-134, 2008.

NUNES, Luciana Borre. **Meninas são doces e calmas: um estudo sobre gênero através da cultura visual**. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2008.

OMS. **Violência contra as mulheres**. Opas. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

ORLANDI, Eni Pulsinelli. **Discurso e Leitura**. 6edição. São Paulo: Cortez. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PAULO, Paula Paiva. Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa. **G1 SP**, 07/06/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 03 out. 2021.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI CONGRESSO SOPCOM, abril de 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Editora Schwarcz- Companhia das Letras, 2022

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **Gênero patriarcado violência**. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. 1. Ed. São Paulo. Pioneira Thompson Learning, 2005.

SARDELICH, Maria Emília. **Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa**. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, p. 415-472, maio/agosto, 2006.

SARDELICH, Maria Emília. **Autobiografias Visuais: uma revisita aos repertórios culturais de licenciandas em formação** In: ORNELLAS, M. L. S.; SITJA, L. M. Q. *Entre-Linhas: Educação, Psicanálise e Fala*. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 191- 219.

SARDELICH, Maria Emília; NASCIMENTO, Erinaldo A. do; PAIVA, Camylla R. M. Paiva. Projetos de cultura visual na educação básica: Outros modos de ver a cultura escolar. **Revista Palíndromo**, nº 14, p. 147-162, ago./dez. 2015.

SOLÉ, Izabel. **Estratégia de leitura**. Tradução: Claudia Schilling. Revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 6. Ed, Porto Alegre: Penso 1998.

TAVIN, K; ANDERSON, D. A cultura visual nas aulas de arte do Ensino Fundamental: uma desconstrução da Disney. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed da UFSM. 2010, p.57-70.

VIEIRA, Adriano JH. Humberto Mataruna e o espaço relacional da construção do conhecimento. **Educação e Humanidades**. Brasília, v.1, n.2, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DE USO DE DADOS



Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral
 Vila Bom Tempo, S/N - Golana - PE
 Aut. De Funcionamento 1499 de 23/05/96, Publicada no D.O de 25/06/96
 Cadastro Escolar M. 156.034
 E-mail: professora.tarcila@educacao.golana.pe.gov.br

AUTORIZAÇÃO DE USO DE DADOS

Declaramos para os devidos fins, que cederemos ao/à pesquisador/a **Leonice Bezerra Lemos**, o acesso aos dados de dados escolares e documentos para serem utilizados na pesquisa **Visualidades: Abordagem da violência de gênero a partir do recurso midiático curta-metragem**, que está sob a orientação do **Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho**.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se o(a) mesmo(a) a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Goiana/PE, 19 de dezembro de 2023.

Danielisson de Souza Chaves

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Danielisson de Souza Chaves
 Vice-Gestor Escolar
 Port.: 813/2023



Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral
Vila Bom Tempo, S/N - Goiana - PE
Aut. De Funcionamento 1499 de 23/05/96, Publicada no D.O de 25/06/96
Cadastro Escolar M. 156.034
E-mail: professora.tarcila@educacao.goiana.pe.gov.br

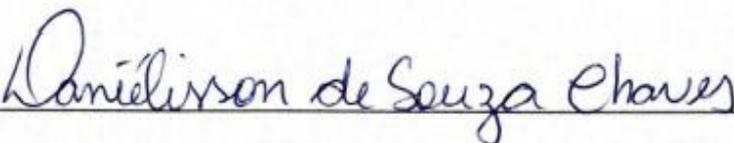
CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) **Leonice Bezerra Lemos**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **Visualidades: Abordagem da violência de gênero a partir do recurso midiático curta-metragem**, que está sob a coordenação/orientação do **Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho** cujo objetivo é Investigar como as práticas de ensino e aprendizagem das Artes Visuais, através do recurso midiático curta-metragem, contribuem para a abordagem da violência de gênero., na Escola Municipal Professora Tarcila Coutinho Amaral, no período de 2023 a 2025.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Goiana / PE, em 19 / dezembro / 2023 .



Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Danielisson de Souza Chaves
Vice-Gestor Escolar
Port.: 813/2023

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO (TCLE)

(A ser utilizado pelos pais/responsáveis dos participantes menores de idade)

(Elaborado de acordo com as Resoluções Nº 466/12 e 510/2016 do CNS)

(A) O sua (eu) filha (o) está sendo convidada (o) a participar da pesquisa intitulada: **“VISUALIDADES ABORDAGEM DE GÊNERO A PARTIR DO RECURSO MIDIÁTICO CURTA-METRAGEM”**, desenvolvida por **Leonice Bezerra Lemos**  aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Artes do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho.

O presente estudo tem como objetivo geral: Investigar como as práticas de ensino e aprendizagem das Artes Visuais, através do recurso midiático curta-metragem, contribuem para a abordagem da violência de gênero, e como objetivos específicos: Discutir violência de gênero, doméstica e familiar; estimular a criticidade e reflexão da temática abordada; analisar e produzir recurso audiovisual do cinema para a abordagem da violência de gênero com estudantes ensino fundamental.

Considera-se que a relevância deste estudo se justifica no cruzamento do aspecto normativo dos currículos escolares, a partir da Lei 13.006/2014 que institui a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta político pedagógica da escola, com os Estudos de Gênero (Carvalho, 2008; Louro, 2008) e da Cultura Visual (Cunha, 2014; Sardelich, 2006, 2019). Justifica-se a seleção dos recursos midiáticos a partir dos seguintes critérios: a relação entre as imagens apresentadas nos curtas-metragens e a aproximação da realidade das crianças com as quais trabalho atualmente em uma escola de Educação Básica; as narrativas estereotipadas que tanto ouvimos no contexto escolar dessa faixa etária em relação as questões de gênero. A participação do seu (ua) filho (a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor. Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): Abordagem qualitativa, com procedimentos bibliográficos, participativo e de análise fílmica. Na 1º etapa contextualizaremos a temática abordada por meio de palestra e debates, na 2º etapa desenvolveremos a análise dos artefatos fílmicos, já na 3º etapa iremos estudar sobre roteirização e produção do artefato curta-metragem. Caso o seu (ua) filho (a) decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído. É importante o esclarecimento de que os riscos da participação da(o) sua(eu) filha(o) são considerados mínimos, uma vez que alunos podem não entender totalmente as implicações de participar dessa pesquisa e sua participação pode não ser efetiva, ou gerar algum desconforto diante da temática abordada sobre a violência contra as mulheres, durante a realização de debates e trabalhos em grupo, nas rodas de conversas com os demais participantes, ou na confecção do material visual, porém qualquer desconforto ou mal-estar, a escola participante solicitará apoio psicológico a UBS do bairro, caso necessário haver intervenção. Ao realizarmos a aula de campo, estaremos sujeitos aos riscos de deslocamento em BR até a cidade de Recife. Os resultados deste estudo estarão à sua disposição quando finalizado. O nome da (o) sua (eu) filha (o) ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resoluções nº. 466/2012 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome da (o) sua (eu) filha (o) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados. Caso a participação da sua (eu) filha (o) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisador responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu

consentimento para que meu (tinha) filho (a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso da imagem dos mesmos nos materiais destinados à apresentação do trabalho final, com a devida proteção. Estou ciente de que receberei uma via deste documento, assinada por mim e pelo (a) pesquisador (a) responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo (a) pesquisador (a) responsável quanto por mim.

João Pessoa-PB, ____ de _____ de 2024

Autorizo o uso de imagem do meu (minha) filho(a): () SIM () NÃO

Pesquisador Responsável

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa



Espaço para impressão
Dactiloscópica
OBS: (em caso de analfabeto)

Testemunha (Orientadora)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadora Responsável: Leonice Bezerra Lemos

Endereço da Pesquisadora Responsável: Rua Severina Crispim Veras, 675, AP 409, Planalto Boa Esperança- João Pessoa-PB - CEP: 58.065-075 Fones: (83) 9 93325292 - E-mail: leonicelemos12@gmail.com

Com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Bairro Asa Norte, Brasília-DF - CEP: 70.719-040 - Fone: (61) 3315-5877 - E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com "mínus público", que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

Obs.: Os pais ou responsável pelo participante da pesquisa e o pesquisador deverão rubricar todas as folhas anteriores a assinatura do TCLE, apondo suas assinaturas no local indicado do referido termo.

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

(No caso de participantes menores de idade)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada: **“VISUALIDADES: ABORDAGEM DE GÊNERO A PARTIR DO RECURSO MIDIÁTICO CURTA-METRAGEM”** desenvolvida por **Leonice Bezerra Lemos**, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Artes do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho.

Nesta pesquisa pretendemos abordar e investigar questões que envolvem as abordagens de gênero e da violência de gênero contra mulheres, tomando como base a relação entre cultura, gênero e as Artes Visuais, a partir da análise e produção do recurso midiático curta-metragem.

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa configura-se pela necessidade de abordagem da temática e da possibilidade de ampliação dos conhecimentos em relação as questões de gênero, dos diferentes tipos de violências e da produção de saberes relacionados a questões de violência contra as mulheres., estimulando o conhecimento sobre tais questões e possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e das práticas sociais a partir de debates e vivências artísticas e culturais. Possibilitando aos discentes o desenvolvimento de habilidades sociais, culturais e de criatividade, tornando-as (os) sujeitos de direitos e deveres, que valorizem a diversidade de sujeitos, bem como a diversidade artística, cultural e as subjetividades de homens e mulheres que está compõem.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográficos, participativo e de análise filmica. Observaremos por um período de tempo a escola, a sala de aula, para a aplicação de atividades e acompanhamentos, tais como: oficinas e debates em grupo, como forma de coletar e analisar informações sobre a abordagem aplicada, o aprendizado e participação social e artística dos discentes.

Dos riscos relacionados a aplicação da pesquisa, será necessário coletar informações pessoais dos alunos, como dados demográficos e dados de desempenho acadêmico. Os alunos podem não entender totalmente as implicações de participar dessa pesquisa e sua participação pode não ser efetiva ou gerar algum desconforto diante da temática abordada sobre a violência contra as mulheres, durante a realização de debates e trabalhos em grupo, nas rodas de conversas com os demais participantes, ou na confecção do material visual, porém qualquer desconforto ou mal-estar, a escola participante solicitará apoio psicológico da UBS do bairro, caso necessário haver intervenção. Ao realizarmos a aula de campo, estaremos sujeitos aos riscos de deslocamento em BR até a cidade de Recife. Quanto aos benefícios a partir do desenvolvimento do senso crítico-reflexivo a respeito dos diversos tipos de violência contra as mulheres, nos educandos, autonomia de se reconhecerem sujeitos participantes de uma sociedade, logo responsáveis também pela realidade desta.

Dos critérios de inclusão, todos os discentes membros ativos da turma estão convidados a participarem das atividades desenvolvidas durante a pesquisa. Em relação aos critérios de exclusão poderá ocorrer pela possível negativa dos responsáveis em relação aos discentes não participarem dos debates, pesquisas e vivências que envolvam a pesquisa, ou ainda, pelo próprio educando negar-se a participar destas.

Para participar dessa pesquisa, o seu responsável deverá autorizar a sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Será esclarecido (a) em qualquer aspecto quando e no que desejar. E estará livre para escolher em participar ou recusar-se, além de desistir ao longo da pesquisa, caso necessário ou seu responsável decidir por não continuar, não acarretará ônus ou prejuízos. Por tanto, gostaríamos de sua participação, sendo esta voluntária e a recusa em participar ou não, assim como a desistência a qualquer momento, não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, limitado à possibilidade de exposição da identidade dos participantes através de imagens em grupo e do que foi produzido por eles; porém, neste caso, os registros fotográficos não serão feitos de modo que os identifiquem completamente, seja de frente ou do rosto, mas sim de costas ou de membros superiores como braços e mãos; assim como o material visual produzido que não será uma representação realista, podendo ser abstrata ou apenas elementos que o represente. Logo, este risco não implica na quebra de sigilo acerca das identidades dos participantes envolvidos na pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua Participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos.

Este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

João Pessoa, ____ de _____ de 2024.

Autorizo o uso de minha imagem

Não autorizo o uso de minha imagem

Assinatura do (a) menor

Assinatura do pesquisador responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadora Responsável: Leonice Bezerra Lemos
Endereço Severina Crispim Veras, 675, AP 409, Planalto da Boa Esperança- João Pessoa-PB-CEP 58065075
Fones: (83) 9 93325292 - E-mail: leonicelemos12@gmail.com

Com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Bairro Asa Norte, Brasília-DF - CEP: 70.719-040 - Fone: (61) 3315-5877 - E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com "mínus público", que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.